

F. de Almeida

MAIO — DIA 11 — 1916

PREÇO 50 RÉIS

ANNO 2.º — N.º 24

AIDEIA NACIONAL

REVISTA MONARCHICA SEMANAL ILLUSTRADA ·
POLITICA · ARTE · LITTERATURA · MODAS ·
ELEGANCIAS · SPORT · ESCRITORIOS · RUA DA
EMENDA, 45 · LISBOA · · · · ·

JOSÉ PACHECO
REDACTOR ARTISTICO

HOMEM CHRISTO FILHO

DIRECTOR
DOMINGOS CARVALHO MEGRE

GERENTE
JOÃO DO AMARAL
REDACTOR EM CHEFE

PROPRIEDADE DE HOMEM CHRISTO FILHO E DOMIN-
GOS MEGRE · EDITOR · ANTONIO COSTA · COM-
POSTO E IMPRESSO · GRUPO LINOTYPISTA · RUA
DO POÇO DOS NEGROS, 81 · · · · ·

VICTOR FALCÃO
SECRETARIO GERAL

PEQUENA FABULA EM BRANCO E PRETO...



(Desenho de A. VALLÉR)

AMOR COM AMOR SE PAGA...



Os acontecimentos de Mafra

Casos da semana

Deram-se ha dias em Mafra acontecimentos que felizmente não tiveram gravidade mas que constituem um novo symptoma do estado de indisciplina geral da nossa terra. Não sabemos ao certo o que se passou nem precisamos de saber, para julgar. Sabemos apenas que n'este momento é um crime sem nome, crime digno do mais energico castigo, perturbar a ordem publica, seja com que pretexto fór.

O nosso prezado collega A Nação publicou em 5 do corrente um artigo intitulado Ordem publica, na mesma tarde reproduzido e perflhado pelo illustre director d'O Dia, que traduz eloquentemente os sentimentos unanimes de todos os monarchicos e a que nos associamos sem reticencias.

N'esta hora decisiva para os destinos da nacionalidade, n'esta hora de perigo e incerteza, qualquer acto revolucionario, qualquer tentativa de alteração da ordem, qualquer desobediencia ás auctoridades constituídas é um attentado de lesa-Patria.

O governo pediu e obteve do Parlamento auctorisação para decretar o estado de sitio quando se lhe afugere necessario. Desconhecemos os motivos que levaram o sr. Presidente do Ministerio a invocar o artigo 26 da Constituição; mas sejam esses motivos quaes forem, não nos cumpre n'este momento discutil-os. O nosso dever é partir do principio que o governo tinha fortes razões para assim proceder e louvar a prudencia e a energia de que deu provas munindo-se de todos os elementos susceptiveis de lhe facilitar a repressão de qualquer acto sedicioso.

E' pena que a republica só agora se tenha apercebido dos males quasi irremediaveis causados pela propaganda dissolvente dos seus caudilhos; e é uma injustiça lançar sobre os conservadores portugueses a responsabilidade directa ou indirecta de quaesquer actos de indisciplina que porventura se tenham produzido ou venham a produzir-se, quando a culpa da anarchia em que vive a sociedade portugueza cabe exclusivamente aos governantes de hoje, prepulsores inconscientes da rebeldia, da desobediencia, do mais odioso individualismo democratico.

Não é um sincero arrependimento que os leva agora a proclamarem a necessidade da ordem, do respeito á lei, do sacrificio dos principios e dos interesses individuais ás necessidades collectivas; é o perigo imminente, o receio da catastrophe que se avizinha e na qual elles serão os primeiros a perecer. E' ainda uma vez o interesse individual dos governantes republicanos que n'este momento se encontra, por excepção, identificado com o interesse nacional.

O nosso dever é obedecer, não levantar obstaculos á obra do governo na defesa da Patria, sem comtudo esquecer que um dia virá em que a justiça immanente castigará os criminosos culpados da situação afflictiva em que se encontra o paiz.

H. C. F.

Ephemerides

A ACCLAMAÇÃO D'EL-REI DOM MANUEL

Passou no dia 6 d'este mez o oitavo anniversario da acclamação d'El-Rei D. Manuel. Isto quer dizer que ha oito annos se praticou o acto constitucional com que o Direito Publico Portuguez usa sancionar os direitos reaes da hereditariedade; isto quer dizer igualmente (não nos cansaremos de repetil-o!) que não será necessario preencher essa formalidade constitucional para que o Senhor Dom Manuel seja considerado amanhã, como hoje, o unico legitimo Soberano de Portugal.

Mais cedo do que se julga, comprehendirão os portuguezes como foi bella e proveitosa para o paiz a data que hoje recordamos. E os proprios adversarios da Monarchia, aquelles que teem pela verdade um culto sincero, hão-de confessar que, durante os angustiosos momentos que correm, o Senhor Dom Manuel II provou ser, pela sua previdencia, pelo seu talento e pela sua honestidade, o Rei mais digno do seu Throno e o melhor Cidadão da sua Patria.

UMA CONFERENCIA NOTAVEL

O sr. Conselheiro Fernando de Sousa, engenheiro illustre e um dos mais brilhantes defensores da verdade catholica, pronunciou ha dias na Liga Naval, uma conferencia notabilissima. E' conveniente que a imprensa conservadora dê a acontecimentos d'estes o relevo que elles merecem para que se vá a pouco e pouco desfazendo a lenda do germanophilismo monarchico.

A pretexto de Joanna d'Arc, o sr. Conselheiro Fernando de Sousa atacou a Allemanha em nome do catholicismo e, do mesmo modo, em nome do catholicismo, fez a apologia da França. Demonstrou que o triumpho da Allemanha seria o triumpho da anarchia protestante e das ideologias de Kant e de Hegel que foram, respectivamente, na França e em Portugal, as têtas onde a Revolução sugou a sua origem.

Monarchicos e catholicos, nós podemos demonstrar que a nossa hostilidade contra a Allemanha é determinada por motivos mais nobres e intelligentes do que os que movem a turba demagogica das ruas; e só uma extranha aberração de sensibilidade conseguiria explicar que, n'esta luta de duas raças e de duas civilisações, outra fosse a nossa attitude.

Com a sua conferencia, o sr. Conselheiro Fernando de Sousa prestou um alto serviço á mentalidade portugueza. E nós, que enternecidamente admiramos a historia e as virtudes francezas, não podemos deixar de applaudir com a maior commoção a phrase já celebre do conferencista:

«Todos os catholicos teem duas patrias: a sua—e a França!»

A ESTREIA D'UM DRAMATURGO

Augusto de Lacerda no *Dia* e Dom José Paulo da Camara n'este numero da *Ideia Nacional* dedicam palavras de justiça e de applauso á peça *Octavio* com que Victoriano Braga fez a sua estreia de dramaturgo sobre o palcoscenico de D. Maria.

O nosso amigo teve assim o gostoso premio do seu esforço cheio de talento e de honestidade.

DOCTOR DE SOLA E VIRA

Camossa, aquelle mancebo que surgiu das vias urinarias para o jornalismo nas vespas do Carnaval, voltou a referir-se á nossa Revista a proposito da carta que aqui publicamos em 4 do corrente.

Já veiu menos petulante o doutor de sola e vira e promete humildemente não mais nos molestar.

Felicitemos Camossa por essa prudente resolução...

Scenas da guerra

PORTUGAL EM FRANÇA

E' digna de archivar-se a forma como o *Gaulois* se referiu á nossa intervenção na guerra europeia, n'um artigo intitulado—*«O centenário do Bussaco»*.

«Em setembro de 1910, diz esse jornal, o rei Manuel e o neto de Wellington encontraram-se no Bussaco para festejarem o centenário da victoria que sobre os francezes ganharam as tropas anglo-portuguezas.

«Sabe-se que Massena, com uma temeridade louca, assaltou sem artilharia e do fundo d'um valle, a collina do Bussaco formidavelmente defendida por um grande numero de canhões e de bravos soldados.

«Por occasião d'esta commemoração, a imprensa portugueza constatou justamente que Napoleão, vencedor de toda a Europa, quebrou os dentes quando ousou meter o rochedo lusitano».

EFEITOS ECONOMICOS DA GUERRA

O professor russo Totamianz examinou, ultimamente, n'uma conferencia feita em Moscow, a situação economica e social da Europa, depois da guerra. As suas conclusões são as mais optimistas.

O sabio russo prevê, em consequencia do decrescimo da população, uma baixa no valor do terreno nas cidades e, como consequencia, uma baixa geral nos alugueis das casas.

As terras terão igualmente perdido o seu valor, e assim se effectuará um exodo da população das cidades e um regresso aos campos.

Sómente a grande propriedade, para a qual faltarão braços, será attingida e talvez mortalmente. Será o proletariado das cidades, de volta aos campos, que beneficiará d'essa decomposição das grandes propriedades ruraes.

E' claro que as conclusões do sabio russo se applicam, sobretudo, ás novas condições creadas plea guerra na Russia.

Ellas são, porém, de algum modo verdadeiras para os outros paizes europeus e mesmo para os do mundo inteiro, pois, por toda a parte, a questão rural se acha no primeiro plano das preoccupações.

EM PLENO DICKENS

E' n'uma sala da *mairie*, em Mende, que, sobre mesas e sobre prateleiras, a pequena feira de amostras de brinquedos está instalada.

O sr. Macrhand, professor de desenho, teve a feliz ideia de incitar os alumnos do curso municipal, das duas escolas normaes e da escola primaria superior, a crearem modelos que permittissem á pequena industria do paiz a execução de diminutos trabalhos, com pequenas pranchas de madeira. Agora a classe de desenho, em vez de copiar, imagina. Já não é fria e theorica; tem um destino pratico e nobre e associa-se, recebendo uma nova vida, á vida da «pequena patria».

E' maravilhoso vêr em pé, em marcha, habilmente articulados, pastores, pastoras, cavallos, asnos e bois, estudados *d'après nature* e collocados no seu quadro lozeriano. Dickens ter-se-lia maravilhado com esse espectáculo, capaz de inspirar-lhe uma pagina descriptiva como as que illuminam os seus contos de Natal. Deante dos olhos do visitante, vêem-se graciosas reproduções de atrelagens que são precisamente as que percorrem as estradas pedregosas. E ha bonecas vestidas pelas normalistas á maneira de Gévaudan.

A ARTE DOS SOLDADOS MUTILADOS

Nota-se a mesma tentativa, o mesmo esforço artistico, applicado á industria dos brinquedos, em Clermond-Ferrand, na escola de re-educação profissional dos mutilados.

Graças a aparelhos especiaes, engenhosamente montados, os soldados sem um braço podem, facilmente, cortar silhuetas de cavallos, touros, carneiros, gallos, cães, gatos, cujas attitudes exactas surprehenderiam Benjamin Rabier. A *ménagerie* é completa. Todos os animaes caminham, saltam, curvam-se, erguem-se, deslisam e teem gestos admiraveis. A côr não é inventada, inverosimil; é a que se observa no pello do animal. E' tão verdadeira como a attitude.

Uma joven artista, de real talento, M.^l Bougle, desenha as posições e os movimentos em cartões, nos quaes parece palpitar a vida. E' a sua inspiração que guia os operarios e põe perante o seu olhar a forma que cumpre reproduzir.

Os rudes esboços de Nuremberg, ficticios, paralyzados, immobilizados n'um typo de convenção, parecem mediocres e sem vida, ao lado das finas, nervosas esculpturas apresentadas pelos soldados mutilados da França.

A PROPOSITO DE VERDUN

Em Agosto de 1914, para atacar a França, a Allemanha violou a neutralidade da Belgica. Era, segundo a desculpa do chanceler do imperio, uma *necessidade*.

Isso significava que o estado-maior allemão julgava impossivel o rompimento da fronteira franceza de leste. Então porque é que, após vinte mezes de guerra, tenta esse rompimento deante de Verdun? O immen-

so esforço allemão deante d'essa fortaleza teria tido, no começo da guerra, melhores probabilidades de exito.

O systema defensivo da França não apresentava o desenvolvimento que lhe deram as certezas da guerra. As fortificações de campanha reforçadas não eram conhecidas como hoje; o armamento dos fortes, concentrados no estreito espaço das obras permanentes, offercia uma vulnerabilidade que foi evitada pela dispersão das linhas dilatadas. As praças francezas teriam tido a surpresa dos grandes 420 e não as praças belgas. A Allemanha possuia no começo, meios superiores. O seu exercito, composto então dos seus melhores elementos, tendo ainda intacta a confiança em si, teria dado um choque com toda a intensidade. A Allemanha teria evitado a resistencia belga, uma das causas importantes do seu insuccesso. Se a Belgica não houvesse sido violada, a Inglaterra não teria sido estimulada em conceder tão rapidamente o seu concurso.

O estado-maior imperial conhecia, certamente, em parte, essas vantagens. Porque as não aproveitou?

Porque, invadindo a Belgica, seguia os preceitos de estrategia do seu inspirador Moltke. Este, na previsão da campanha de 1870, aconselhava que se marchasse directamente pela Lorena, «porque uma vez occupadas essas provincias, escrevia elle, nós não as restituiremos mais».

Assim, a invasão da Belgica teve, sobretudo, como objectivo, a *annexação* da Belgica industrial, magnificamente prospera e possuindo no mar os portos, ao mesmo tempo estrategicos e mercantes, que a Allemanha cubiçava.

Prata da casa

ANTONIO SARDINHA

Não temos podido publicar, por absoluta falta de espaço, os admiraveis sonetos que o nosso querido amigo e eminente collaborador Antonio Sardinha nos fez o favor de extrahir, para a *Ideia Nacional*, do seu proximo livro *Sonetos da Expição*.

Ninguém mais do que nós tem sentido o desgosto da demora e essa é a melhor resposta que podemos dar aos leitores soffregos de belleza que nos escrevem queixando-se de tanto os fazermos esperar.

A Antonio Sardinha deve tambem a *Ideia Nacional* uma explicação por esta demora; mas o illustre escriptor sabe que tem entre os nossos collaboradores um logar privilegiado, feito de muita admiração e de muita amizade, e não poderá levar a mal uma falta de que somos os primeiros a expontaneamente nos penitenciar.

Esperamos, de resto, que Antonio Sardinha nos honrará brevemente com dois artigos que ha muito lhe vimos sollicitando e atravez dos quaes os nossos leitores poderão mais uma vez admirar o magnifico talento do auctor da *Epopéia da Planície* e do *Valor da Raça*.

VICTOR FALCÃO

Deixou o logar de secretario geral d'*A Ideia Nacional* o nosso prezado collega e amigo sr. Victor Falcão que prestou a esta Revista relevantes serviços, provando mais uma vez a sua alta competencia profissional.

D'ora ávante toda a correspondencia relativa á *Ideia Nacional* deve ser dirigida ao nosso director ou ao sr. João do Amaral, redactor em chefe.

«A IDEIA NACIONAL»

A *Ideia Nacional* tem tido por parte da imprensa monarchica e catholica um acolhimento sobremaneira amavel. Entre todos os collegas que nos merecem palavras de gratidão, devemos especialisar o *Dia* que, no seu numero de quinta-feira passada, se dignou transcrever, acompanhando-os de commentarios muito honrosos para o seu auctor e para nós, alguns trechos do notavel e sensacional artigo escripto pelo nosso eminente collaborador sr. Conde de Monsaraz. Muito obrigado!

Politica de traição

POR

HOMEM CHRISTO FILHO

ESTÁ-SE fazendo, em certa imprensa republicana, uma velhaca distincção entre bons monarchicos e maus monarchicos, allia-dophilos e germanophilos, bons portuguezes e maus portuguezes. Essa politica de intriga não é digna da gravidade da hora presente nem compativel com o patriotismo de que se arrogam unicos depositarios os senhores que a fazem e defendem.

Já não é a primeira vez que a *Ideia Nacional* e o meu nome servem de pretexto a adversarios pouco escrupulosos para atacarem alguns dos nossos mais eminentes correligionarios. Entre os visados conta-se, em primeiro lugar, o sr. Moreira d'Almeida, director d'*O Dia*, nosso collega e amigo, a quem a causa monarchica deve tantos e tão assignalados serviços que seria ingratição sem nome consentir que a sua notavel figura de batalhador fosse impunemente enxovalhada.

Não será com o nosso silencio, nem com a nossa cumplicidade, que se commetterá tal villania. Entre o sr. Moreira d'Almeida e o auctor d'estas linhas, entre *O Dia* e *A Ideia Nacional*, tem existido até hoje a mais estreita solidariedade, a mais absoluta harmonia no que diz respeito á attitude dos monarchicos para com a republica e aos seus deveres para com a Patria. O sr. Moreira d'Almeida entende, como nós, que deveriamos sacrificar os nossos interesses pessoases e os nossos interesses partidarios ao interesse nacional, se porventura alguma vez houvesse incompatibilidade entre uns e outros; o director d'*O Dia* é tão dedicado como nós á causa monarchica e considera que servindo a causa d'El-Rei serve acima de tudo a causa sagrada da Patria.

Não ha, em que peze aos emeritos intrigantes, divisões nem dissensões entre monarchicos. Não ha, adentro do partido, germanophilos e allia-dophilos; ha apenas portuguezes que muito amam o seu paiz e que por elle se baterão heroicamente, na fronteira, agora que nos ameaça o estrangeiro cubicoso, nas barricadas, amanhã, se não houver outra forma de eliminar os inimigos não menos perigosos que adentro do proprio territorio compromettem os destinos immortaes de Portugal.

Podia haver, antes de nos ser declarada a guerra, quem tivesse admiração pela Allemanha, pelas suas faculdades de trabalho, de organização e de disciplina; podia haver quem, embora com um criterio errado, entendesse que nos convinha approximarmos-nos d'aquelle paiz. Podia haver e havia,—não é vergonha nem crime dizel-o; e quem assim pensava, embora, em nossa opinião, pensasse muito mal, estava no uso d'um pleno direito que a ninguem é permittido discutir nem contestar.

Uma tal attitude não implicava, nem podia implicar, menos patriotismo e é preciso ser requintadamente ignorante ou mal intencionado para sustentar o contrario. Temos bem perto de nós, n'aquella gloriosa França que tem dado ao mundo o espectáculo d'um amor patriotico inexcédível, um caso semelhante, com que se pode quebrar sem difficuldade os dentes á calumnia. E' o caso dos radicaes e dos socialistas francezes que até á vespera da declaração de guerra foram sempre partidarios, na sua grande maioria, na sua quasi totalidade, d'uma approximação com a Allemanha, muitas vezes tentada. E' o caso de muitos conservadores da *Action Libérale* cujo orgão principal na im-

prensa franceza é o *Eclair*, onde redijo uma parte da politica exterior, e que até ao ultimo dia de paz e ainda depois do attentado de Serajevo, considerou a Allemanha a alliada natural da França e a Inglaterra a sua inimiga hereditaria.

Ainda um anno antes da guerra se realisou na Allemanha uma conferencia importante entre delegados do parlamento allemão e do parlamento francez cujo fim era estreitar as relações franco-allemãs e mesmo hoje não é difficil encontrar em França altas individualidades que consideram um grave erro a politica anglophila e russophila de Delcassé. A approximação franco-allemã foi sempre o sonho do socialista Jaurés e dos seus amigos que até ao ultimo momento empregaram os maiores esforços para a sua realisação. E todavia, desde a hora em que a guerra se tornou inevitavel e que os allemães invadiram o territorio da França, socialistas, republicanos, livre-pensadores, monarchicos e catholicos tem rivalisado em dedicacão e patriotismo morrendo heroicamente e aos milhares na defeza do patrimonio nacional.

Com que direito se vem pois accusar de menos patriotismo e lançar o labeu infamante da traição sobre aquelles que, antes de nos ser declarada a guerra, se mostravam sympathicos á Allemanha ou eram partidarios d'uma politica prudente relativamente áquelle paiz?

Com que direito? Em nome de que principio se ousa duvidar de que aquelles que tinham essa orientacão, inspirada pelo que julgavam ser o interesse nacional, serão os primeiros a cumprir nobremente e corajosamente o seu dever de portuguezes? Acaso alguém se lembrou alguma vez em França, n'aquella admiravel França com que encham a bocca, sem a conhecerem nem a comprehendem, os politiqueros ignobeis da nossa terra, acaso alguém se lembrou alguma vez em França de duvidar da sinceridade e da dedicacão patriotica dos socialistas ou dos republicanos da *Action Libérale*?

Não ha já germanophilos nem allia-dophilos dentro do partido monarchico, repetimos, como os não deve haver tambem dentro da republica. Em Portugal só pode e só deve haver, n'este momento, portuguezes de cujo patriotismo a ninguem é licito suspeitar.

Politica de discordia e portanto politica de traição é essa que se está fazendo em certa imprensa republicana, intrigando, irritando, baralhando, lançando a desconfiança e dirigindo labéus infamantes a determinadas cathogorias de cidadãos. Politica de discordia e politica de traição é essa que consiste em reavivar antigas feridas, recordar ofensas e agravos que n'esta hora de perigo nacional todos sinceramente procuramos esquecer. Politica de discordia e politica de traição que nem por não surtir o effeito desejado deixa de revelar a alma abjecta de certas creaturas que, pretendendo convencer-nos do seu patriotismo, apenas conseguem dar provas da sua villania.

HOMEM CHRISTO FILHO

Vida agricola

Além da chronica assignada pelo nosso eminente collaborador Dom Luiz de Castro, a nossa secção *Vida Agricola* apparecerá brevemente com dois consultorios, um de agronomia e outro de veterinaria.

O *CONSULTOR AGRONOMICO* será o sr. DOM MANUEL DE BRAGANÇA, engenheiro agronomo do quadro da Direcção Geral de Agricultura que desempenhou

com grande relevo o logar de agronomo official no districto de Evora e é hoje professor na Escola Technica de Agricultura de Santarem. A sua dissertação inaugural no Instituto Superior de Agronomia, versando um ponto interessantissimo de zootechnia teve tal acolhimento do publico lavrador que duas edições, n'este meio rebarbativo a leituras, já vão exgotadas. A conferencia que realisou ha poucos mezes na Associação Central de Agricultura Portugueza sobre um assumpto de economia pecuaria é, do consenso de todos, das mais notaveis que ali se teem proferido.

O *CONSULTORIO VETERINARIO* será dirigido pelo medico-veterinario sr. ALBERTO SARAIVA MONTEIRO que goza de um justo renome na sua classe. D'este nosso illustre collaborador bastará dizer-se que, além de intendente de pecuaria em Vianna do Castello, Aveiro, etc., etc., desempenhou com uma competencia notabilissima o cargo de Director da Condellaria Nacional.

A POLITICA

POR

JOÃO DO AMARAL

— O interesse nacional e os principios geraes de Direito

As criticas feitas á legislação que fixou o regimen da propriedade inimiga em tempo de guerra, peccam por um defeito fundamental de methodo. Quero dizer: tentou-se provar que os decretos de 20 e 23 de abril desrespeitavam certos principios de justiça e contrariavam, no espirito e na forma, as garantias postas pela Constitucão ao serviço dos direitos individuaes,—quando afinal, segundo me parece, o legislador apenas deveria preoccupar-se, na hora extranha que vivemos, com saber se os referidos decretos serviam o interesse do Estado e garantiam plenamente, livremente, a sua defeza militar e economica. Apreciar este problema excepcional, derivado das situações anormaes que o estado de guerra nos creou, através d'um estreito e limitado criterio juridico, é um erro de visão commum a todos aquelles que teem pelas abstracções do Direito *immanente e immortal* um culto demasiado cego.

Tratando-se de definir a nossa posição em face do inimigo e vice-versa, quer se trate d'uma questão militar quer se trate d'uma questão meramente economica ou meramente juridica, nós não podemos espuecer-nos de que, vivendo sob a monarchia d'um facto—a guerra, devemos obedecer á monarchia d'um principio—o interesse da Nação.

II—O sequestro da propriedade de inimiga

Foi este supremo criterio do interesse nacional que levou a Allemanha, depois a França e agora Portugal, a rasgarem o regulamento annexo á IV Convenção da Haya onde se prohibia o sequestro da propriedade mobiliaria e imobiliaria do inimigo. Violada assim, desde o principio da guerra, a pudenda virgindade do Direito, o legislador não tem agora senão que submeter os problemas originados por essa violação ao criterio nacionalista que a provocou.

D'est'arte, são illogicas e sem fundamento serio, as criticas de quantos pretendiam vêr estabelecido, como um dogma, o principio de que a missão dos administradores-sequestros terá um caracter essencialmente conservador. O unico dogma aceitavel deverá ser, pelo contrario, o do caracter liquidatorio do sequestro sempre que a liquidacão seja útil ou necessaria á defeza e á fortuna do Estado. O facto de ser outro o espirito das legislações estrangeiras similares não constitue um argumento bastante. De resto, ha porventura justiça em preservar e defender o activo da propriedade allemã quando a guerra,

declarada pela Allemanha, fere profundamente o activo da propriedade nacional?

Este mesmo principio de que o sequestro da propriedade inimiga deve ter um caracter conservador levou os criticos da nossa legislação a lamentarem que a guarda e a administração dos bens sequestrados não tenha sido entregue ao Poder Judicial mas sim ao Executivo, como se deduz dos artigos 16 e 24 do dec. de 20 de abril e do § 7.º do artigo 13 do decreto de 23.

Pretende-se, d'esta fórma, dar á propriedade inimiga sequestrada a garantia da independencia do Poder Judicial. Para quê? Para evitar que o Executivo use ou abuse d'essa propriedade? E se as necessidades do estado de guerra o obrigarem amanhã a utilisal-a? Compromette-se a acção do governo, unico responsavel pela boa conducção da luta contra a Allemanha? Estabelece-se uma divisão interna, simplesmente porque devem ser sagradas as abstracções humanitarias da Justiça e a independencia do Poder Judicial?

Perante as realidades da guerra, perante o interesse da Nação ameaçado, não ha concepção de Direito imanente e immortal que deva prevalecer, principalmente quando essa concepção pretende garantir, contra uma legitima *révanche* ou contra legitimos interesses nacionaes, o bem-estar e a riqueza do inimigo.

III—A questão da capacidade juridica

Esta preocupação liberalista de antepôr o culto do Direito ás realidades da defeza nacional poderia dar occasião a que, no fim da guerra, tivesse sido a propriedade inimiga aquella que menos soffrêra com a terrivel catastrophe. Mas, já mesmo durante o conflicto, esse preconceito origina problemas bizarros. Um dos mais interessantes é na verdade o que respeita á capacidade juridica do inimigo. Refiro-me a elle não sómente por estar intimamente ligado ás questões acima discutidas mas tambem porque a solução que lhe deu agora a jurisprudencia franceza não pôde merecer os elogios que já lhe tributaram, ao invéz do que na propria França succedeu, os criticos da nossa legislação.

A' pergunta sobre se os subditos de nações inimigas podiam estar em juizo respondia-se em França, como entre nós se responde, d'uma fórma muito simples:—Os subditos allemães ou austriacos não podem estar em juizo pela simples razão de que, precisando para isso de fazer-se representar, median-te uma procuração ou contracto de mandato, por alguém juridicamente habilitado, a lei penal castiga severamente todos os nacionaes que com elles contractem.

Esta era a solução legal e, por acaso, a mais justa. Mas eis que, subitamente, a quarta vara do Tribunal de Paris em sentença do *avocat général* Godefroy vem estabelecer que as prescripções do codigo referentes a contractos com os subditos de nações inimigas não abrangiam os contractos de mandato.

Semelhante jurisprudencia provocou os justos protestos da opinião publica franceza. Como a nudez de Phryné cegou os areopagistas de Athenas, assim a belleza do Direito levou este velho magistrado de Paris a abrir ao inimigo os portos de França. A jurisprudencia portugueza não seguiu nem seguirá, quero crê-lo, este lamentavel exemplo. E se, para evitar um erro semelhante, fôr necessario que a legislação republicana de abril se mantenha intacta, com todas as deficiencias de forma que lhe apontam, não hesite o governo em mantel-a.

JOÃO DO AMARAL

EQUIVOCOS NACIONAES

POR

ALBERTO MONSARAZ

As ultimas noticias da frente occidental annunciam-nos a transferencia em grande massa para outras zonas de batalha da artilharia pesada allemã, com que os nossos adversarios ha dois mezes bombardavam Verdun ininterruptamente, regando de metralha, liquidos inflamáveis e gazes asphixiantes esse fertil campo de gloria e morte que ficará sendo um dos mais bellos jardins da Historia.

D'aqui pode sem duvida deprehender-se que o estado maior inimigo teve de abandonar os seus recentes planos de conquista, desistindo de occupar a heroica cidadela que, em face das marés vivas, avassaladoras, dos exercitos germanicos, se ergue hoje como o ultimo dique da Raça Latina n'este equinoxio da primavera de 1916.

Dizem-me tambem que foi chamado a Berlim, onde cahiu no régio desfavor, o Feld-Marechal Von Haesler, por ser necessaria uma victima expiatoria, um responsavel que se sacrificasse ao desapontamento furioso da plebe. A aventura falhou.

E falhou, não porque os allemães deixassem de possuir os famosos morteiros de 38 e de 42, esses mastodontes da balística moderna, não porque lhes fallecesse a disciplina de ferro, automatica e rigida, por meio da qual desde o inicio da campanha teem conseguido suprir a falta de espirito de iniciativa, a ingenua deficiencia de heroismo individual, mas porque encontraram pela frente o formidavel exercito da França, com todas as suas expontaneas qualidades de valor e uma organização, improvisada em menos de dois annos, que eguala e neutralisa triunphantemente perto de meio seculo de militarismo prussiano. Quanto não valem as virtudes nativas da Raça! Novas semelhantes, meu amigo, ha uns tempos a esta parte, enchel-o-hiam, primeiro de espanto, depois de authentica e inelgravavel tristeza. E digo ha uns tempos atraz, isto é, antes da nossa entrada em beligerancia, pois que até então todos tinham o direito de pensar livremente e livremente sentir sobre a conflagração europea, vendo em qualquer solução que o problema viesse a revestir vantagens ou inconvenientes maiores ou menores para a Patria Portuguesa. Hoje não. Achemo-nos de facto em guerra com a Alemanha, que nol-a declarou; os nossos soldados esperam a todo o momento ser chamados a intervir na grande lucta das nações, vertendo o seu sangue e arriscando a sua vida; está em jogo a sorte das colonias, porventura a propria integridade patria, trata-se da defeza do territorio, da independencia nacional — hoje não! Os monarchicos, sendo como sempre foram os melhores portuguezes, só podem conscientemente desejar uma coisa: o esmagamento total, absoluto, a rapida inutilização do inimigo commum. Por isso, quando na minha ultima carta me despedia de você chamando-lhe germanophilo, não soube exprimir-me como pensava. Deveria ter-lhe antes chamado *antigo germanophilo*. Assim é que ficaria certo, certo e bem!

Mas agora oiça lá: váe responder-me á boa paz e com toda a franqueza ás perguntas que vou fazer-lhe. Porque razões não comprehensíveis, porque sentimento occulto e talvez para si mesmo inexplicavel, desejava o meu pobre amigo tão ardentemente a victoria das armas allemãs? Ter-lhe-hia prometido o Kaiser, em sonhos, que o faria Rei da Polonia ou governador da Belgica, ante-gosava talvez um casamento de fama com alguma viuva Archi-duquesa de Austria, sonharia ver-se em Bagdad sultão de outras mil e uma noites (duas mil e duas d'esta vez) ou então convergiam apenas tantas ambições a obter um logar de favorita no harem imperial do grão-turco para qualquer Senhora da sua intimidade domestica? Nada d'isso. Você pretendia a victoria retumbante dos imperios centraes só para que o Kaiser viesse a Lisboa de proposito desalojar o Affonso Costa e, acabando com elle, acabar com o demagogismo indigena. O raciocinio era o seguinte, tão idiota como simplista: sendo o actual regimen filho legitimo da maçonaria e não podendo esta subsistir com a disciplina germanica, se conseguisse estender-se a Portugal semelhante disciplina, terminava logo o dominio da maçonaria e portanto da republica. Assim é que o meu amigo pensava, não é verdade? Ora confesse. Estou em dizer-lhe que não concordo, não concordo nem chego mesmo a comprehender. Por defeito das minhas facultades de percepção? Talvez. Pela miseria intellectual verdadeiramente lastimosa que tal raciocinio representa? Com

certeza. Miséria intellectual e absoluta falta de logica. Então você, liberal convicto até á morte, insultando os jezuitas e bendizendo o Marquez—o algoz da Reacção—você que ainda sabe de cór a Carta Constitucional á maneira d'um cathecismo, que sempre se arreceiou de frades e freiras por serem freiras e serem frades; você que eu vejo na rua, de barba á passa piolho como qualquer convencional de 20, e me parece realizar este prodigio novo, este milagre genealogico de ser hoje o directo representante, n'uma só pessoa, dos 7.500 argonautas da Terceira; você romantico, philantropo e humanitario — era você, em carne e osso, que tanto desejava o cesarismo estrangeiro para liquidação da maçonaria nacional?! Puramente inacreditavel! Mas todos os seus ascendentes politicos foram maçons, desde esse Imperador do Brazil, mau filho e mau vassallo, que em nome d'um pseudo-legitimismo veiu exilar de Portugal o Rei de Portugal, proclamado em Córtes, até Joaquim Antonio d'Aguiar, o mata frades, que expulsou os religiosos das proprias moradias, em nome d'uma falsa Liberdade, para serem depois de vexados, expoliados e proscriptos. Maçons eram Gomes Freire, morto por traidor em S. Julião da Barra e Fernandes Thomaz, a quem já accusaram de ter-se vendido á maçonaria castelhana, ao propôr a federação das republicas ibericas; maçon foi o mais sabio theologo do vosso culto, Mousinho da Silveira — o maximo desnacionalizador das instituições patrias; maçon Garrett que escrevia convicto: «*hespanhoes somos e de hespanhoes devemos preparar-nos*»; maçon era o Duque de Palmella, maçon o marechal Saldanha, maçons todos elles, todos sem excepção. Porque se irritava tanto o meu amigo contra a maçonaria republicana, agora em 1916, quando achava deliciosa a outra, a maçonaria doirada que ha um seculo atraz, depois de abrir aos francezes as portas do Reino (como se prova pela correspondencia particular de Junot e Bonaparte) veiu por ahi dentro de roldão, braço dado com soldados britannicos, aos gritos de *Hurrah por Doni Marii!* subverter os quadros da velha sociedade portugueza, pulverizar á força as nossas antigas tradições nacionaes, offender os catholicos, que era a grande massa da nação, n'uma palavra, insurgir-se contra o Rei, contra a Patria, contra Deus! Que auctoridade tinha você para invectivar as leis affonsinas da familia, essa ignominia da legislação republicana, se concordou sempre com a abolição dos vinculos e a partilha forçada das successões, vergonha do nosso codigo civil como de todos os codigos civis revolucionarios? Pode o meu amigo em boa consciencia injuriar o tiranete Affonso Costa por que exilou padres e processou bispos, regosijando-se ao mesmo tempo com a expulsão das congregações de frades em 34, dos frades a quem tanto devia a nossa litteratura e que bondosamente ficaram a agricultar-nos a gleba nata lquando abalámos para a sepultura do Mar?

Recorde-se um pouco do seu passado e veja se no presente mostra mais alguma coherencia, já que positivamente não deseja arrepender-se, nem emendar-se. A Alemanha vencedora indiscutivel nos campos de batalha, vindo a Portugal espremer e esterilizar o úbere maçonico que a vocês liberaes tanto e tão generosamente amamentou!

Que contrasenso vergonhoso, meu pobre amigo! Que contrasenso e que ingratitude! Mas porque motivos (estou a ouvir-o objectar-me) não quizeram nunca os integralistas, os maiores reaccionarios d'este Paiz, que triumphasse o imperio germanico, se elle é o vivo exemplo do que podem as doutrinas anti-revolucionarias applicadas com methodo e com precisão; se na Alemanha, á força de disciplina e de auctoridade, d'essa auctoridade e d'essa disciplina que são a base do proprio Integralismo, conseguiu-se transformar todo um povo, individualmente inferior e collectivamente anarchisado no mais formidavel estado do mundo?! Porquê? Porque nós, reaccionarios ferrenhos, somos tambem ferrenhos e convictos nacionalistas e a victoria da Alemanha seria a victoria do pan-germanismo mundial (*Deutschland über alles*) sobre todos e sobre tudo. Porquê? Porque nós outros portuguezes, que queremos reatar a verdadeira tradição nacional, não nos vimos livres da influencia italiano da Renascença e não procuramos desprender-nos agora da influencia franceza da Revolução, para cahirmos sob as garras da prepotencia germanica, cuja força organisadora será admiravel, mas é

d'elles e não é nossa, vindo apenas a pertencer-nos se acaso rasgássemos em mil pedaços a Historia da independencia patria e do orgulho nacional.

De resto, porque sômos fieis da Santa Egreja de Roma, nunca pactuáramos com Guilherme II, o chefe da heresia protestante, o aliado dos maiores inimigos da fé christã, que arrasta na voragem contra a Polonia catholica, a Belgica catholica, a França catholica, e a Italia catholica, esse pseudo-catholico imperador de Austria, decrepito e amaldiçoado que ao unir-se com o velho inimigo hereditario—o turco—esqueceu todo o glorioso passado da sua terra e do seu povo.

Não queremos, finalmente o definitivo successo das exercitos allemães, a supremacia ultima do governo germanico na conferencia da paz, sabe você porquê? Porque estamos fartos de republica, fartissimos!... Então?... Sim, o triumpho dos imperios centraes seria a manutenção da republica em França, a correlativa estabilização da nossa demagogia, talvez a imposta mudança de regimen em Inglaterra e na Italia. Na Wilhelmstrasse ergue-se ainda, nos momentos graves, junto de Herr Von Jagow, ministro dos negocios estrangeiros do Kaiser, a sombra formidavel de Bismarck, o chanceler de aço, o primeiro allemão da Alemanha moderna. Fundador do imperio, vela ainda pela sua conservação, pela sua força, pelo seu prestigio. E a melhor maneira de conservar a força e o prestigio do imperio germanico será hoje e sempre o depauperamento automatico (chamemos-lhe assim) das nações inimigas que o rodeiam.

O golpe de 71, confessado pelo proprio Bismarck, na sua correspondencia apparecida em obra postuma, repetir-se-hia agora, ao cabo da presente campanha. Então oppoz-se a Germania imperial a que Henrique V subisse ao throno dos seus maiores. A manha succederia o mesmo, não restem duvidas, a Philippe VIII.

A tactica é demasiado boa para que a ponham de parte. Enquanto a França foi França, enquanto o imperialismo occidental, esse imperialismo que é uma criação natural da alma classica, estendeu a larga envergadura das suas azas por sobre a Europa submettida, nunca a unificação allemã deixou de ser uma evidente impossibilidade historica. Retalhavam-na luctas civis e contendas partidarias e sempre que os germanos queriam um chefe, recorria-se á confusão, á perturbação tumultuosa das urnas, para que esse presidente de republica corado fosse governar esse imperio sem estabilidade no pouco tempo que lhe restava de vida, uma vida intranquilla, cheia de incertezas, entre a facção politica que o elegera e as outras que o haviam guerreado. Depois, faltando a hereditariiedade, abria-se novamente a crise publica, punha-se de novo o problema da successão, acendiam-se novas invejas, novas luctas intimas e contendas armadas, explodindo assim por toda a parte na Europa central aquelle rebelde espirito germanico, negação da ordem, e inimigo da disciplina que é a primordial característica dos povos setentrionaes. A França, a velha França dos Reis, a Patria de Francisco I, de Henrique IV, de Luiz XIV, defendia o equilibrio europeu. Uma Germania una, forte, arrogante era de todo impraticavel, não passava d'um mytho, como os mythos fora do mundo real.

Quando surgia qualquer vaga possibilidade d'esse receio, dava-se força á casa de Austria, força que lhe era retirada novamente logo que fosse desnecessaria. Roma mantinha os barbaros em respeito. Mas a França fraquejou. A sua resistencia phisica de grande povo perdeu pouco a pouco as antigas condições d'immidade. Deixou-se corromper pelos vicios que combatia. Pegou-se-lhe o microbio do individualismo anarchico que ella tão bem cultivára na margem direita do Rheno.

Os enciclopedistas, esses barbaros intellectuaes, trouxeram o germen venenoso. Voltaire e Rousseau foram os *commis voyageurs* da reles mercancia revolucionaria que veiu, enfraquecendo a França, enfraquecer o espirito classico. Corneille morreu sem descendencia. A degenerada prole do cinico de Genebra alastra por todo o globo. Lembravam ainda velas latinas as azas das aguias napoleonicas, mas semelhantes velas, por uma inexplicavel aberração étnica, conduziam apenas o crepusculo, a desgraça, o aniquillamento fatal ao velho mundo do Latio. Inverteram-se os papéis. A Germania trocou o seu espirito individualista e anarchisante, pelo imperialismo, criação suprema do nosso genio meridional. Tornou-se grande, valorosa, omni-

potente. Nós vegetamos desde então na miseria republicana e demagogica que vieram infiltrar-nos. Quando em França começava agora a despontar e a accentuar-se o resurgimento das velhas energias da Raça, a Germania Imperial, receosa, declara a guerra para nos manter sempre na anarchia com que soube corromper-nos.

As ideias contra-revolucionarias de Comte, de De Maistre e de Bonald, se um dia encontrassem um genio que encarnasse, as synthetisasse e, como centelhas purificadoras e regerativas de radio, fosse distribuirlas á mocidade latina, formando assim uma contra enciclopedia de Redempção, esses principios salvadores constituiriam um perigo para o monopolio imperialista dos germanos. Deixariam elles de simbolisar a ordem e a disciplina aos olhos da Humanidade.

Surgiu esse genio da politica moderna. A voz de Charles Maurras ouviu-se em toda a parte, na França, na Italia, pelos moços da *Ideia Nazionale*—em Hespanha pelas juventudes mauristas, em Portugal (não sorria) pelo integralismo luzitano. Iam resuscitar os legionarios de Roma e repellar as barbaras ideologias do norte, brumas, nevoas de perdição. A Alemanha apercebeu-se do perigo, estremeceu, atacou para não ter, cedo ou tarde, que defender-se. Honra seja ao seu espirito de previsão. E é n'esta altura d'uma lucta cujas determinantes acabo de apontar-lhe que você, meu pobre e liberalissimo amigo, queria que os reaccionarios portuguezes, atraídoando o seu futuro e a sua missão historica, pedissem ao Deus das Batalhas, o triumpho do inimigo commum? A guerra não é contra vocês liberaes, é contra nós; nós é que somos para o allemão, no campo da ordem, da auctoridade e da disciplina o *official do mesmo officio* que é necessario liquidar. Sabemos combater até ao fim para que as azas negras que encimam o capacete das walkirias, se clarifiquem á luz forte do ceu meridional e para que as aguias de Potsdam fujam espavoridas ante os gansos do Capitolio, simbolos da força classica e a pomba espiritual da Egreja, imagem palpitante de Fé christã. Vejo que sorri. Paciencia. Já não aprende linguagem. Entretanto não desistirei. Brevemente voltaremos a cavaquear.

ALBERTO MONSARAZ
CONDE DE MONSARAZ

UM ROMANCE INEDITO

DE

Maria Paula d'Azevedo

O poeta disse:

«A gente nunca deve entrar com luz
Nos divinos recantos do mysterio...»

Apesar d'isso, não haverá certamente ninguém que não deseje saber quem é a alma de eleição que, sob o pseudonymo litterario de Maria Paula de Azevedo, chamou a si o doce encargo de levar a verdade, a belleza e o espirito, aos cerebros infantis.

Baldadamente tentámos penetrar com luz nos piedosos recantos d'este mysterio. Maria Paula de Azevedo não quer ser, para o mundo das letras e da publicidade, senão... Maria Paula de Azevedo. De resto, será este e não outro o nome que a nossa memoria ha de sempre lembrar enquanto houver quem saiba ler esses adoraveis livros da sua auctoridade que são: «*A Historia de Jesus contada ás creanças*», «*Portugal para os pequeninos*» e a perfeita adaptação que fez, sob o titulo «*Quatro raparigas*», do livro americano «*Little Women*».

Em virtude d'esta pequena mas notabilissima obra conquistou Maria Paula de Azevedo um logar excepcional e unico nas letras portuguezas. Ella é a cultura incomparavel d'essa litteratura da infancia e da primeira mocidade que em todos os paizes civilisados desempenha uma brilhante e nobre função social.

Por todos estes motivos procurou a *Ideia Nacional* alcançar, para enriquecer o numero e a qualidade dos seus collaboradores, o concurso da illustre escriptora. Conseguimol-o! No proximo numero e na nossa secção «A Pagina da Mulher» começaremos a publicar o romance historico «*A Filha do mestre Fernão*», dramatisação inédita d'um episodio das guerras da Independencia, que Maria Paula de Azevedo escreveu expressamente para os moços leitores da *Ideia Nacional*.

ENEZA DEFENDE-SE

A' cabeceira de D'Annunzio enfermo

POR

JULES DESTREE

«Não se preocupe com os meus olhos, meu irmão! Pense antes em salvar, para outros olhos a Belleza do mundo!» Palavras augustas que escrevia ha dias Gabriel d'Annunzio da cama em que o tinha prostrado um accidente de guerra, a Maurice Barrés que se inquietava do seu estado. O Animador teve uma vez mais a felicidade de exprimir magnificamente um dos aspectos essenciaes da vida italiana. E' com effeito pela belleza do mundo que a Italia combate e soffre.

Visão de poeta, dirá a multidão. Mas a verdade é que para comprehender a alma verdadeira d'este povo é preciso ter em linha de conta, mais que em qualquer outra parte, as influencias estheticas. Um longo passado deu-lhe o respeito e o culto da belleza onde ella vae buscar as regras da vida mesmo no meio das suas mais violentas agitações. E os realistas mais pro-saicos de hoje não podem, pelo menos, ignorar, o formidavel rendimento annual que assegura á Italia a posse dos seus thesouros artisticos.

De todas as nações em guerra, a Italia é a que faz mais esforços para proteger a belleza. Tendo entrado depois das outras na tormenta e comprehendido que o furor dos nossos inimigos não hesita perante nenhum crime, tomou todas as precauções para proteger as suas maravilhas.

Sob a intelligente iniciativa de Corrado Ricci, director das antiguidades e bellas artes, toda a região eventualmente ameaçada, desde Venezia até Brindisi, foi explorada no mais profundo segredo. Fez-se a escolha das obras que era possivel preservar; estudaram-se e executaram-se rapidamente as medidas adequadas ao fim que se tinha em vista e estes trabalhos foram concluidos em poucos mezes.

E' em Venezia, sobretudo, que se pode avaliar a engenhosidade e importancia d'esta obra; n'esta Venezia cujas innumeras e faustosas obras primas deviam tornar sagrada e que pelo contrario, excita a raiva devastadora dos imperios centraes. Um jornal em delirio, o *Muncher Nachrichten* não teve pejo de declarar: «Todos os thesouros de arte estão em perigo em quasi todas as regiões de Italia... A Austria, ameaçada pela sua antiga aliada não pode realmente, n'esta hora de destruição, respeitar os monumentos do passado e as pieguices dos esthetas sensiveis».

Venezia foi, pois, transformada. Revestiu um uniforme de guerra, defende-se...

O principio essencial d'esta defeza são os saccos de terra, que, accumulados, constituem uma protecção excellente para as pinturas e architecturas delicadas. Todas as obras de arte transportaveis foram postas em logar seguro. Nos pontos expostos aos incendios os esqueletos dos edificios foram cobertos de productos incombustiveis e dispostos os saccos de areia e os extintores de fôrma a serem utilizados ao primeiro signal. Os sinos doirados, as estatuas em eminencia que podiam servir de pontos de mira foram pintados com cores neutras ou veladas com estofos azues que se confundem com o céu.

O Palacio dos Doges tem aspectos de fortaleza, flanqueado por torres de tijolo sob as quaes estão escondidos os admiraveis grupos esculptos aos cantos: o *Julgamento de Salomão*, a *Embriaguez de Noé*... Cada arcada da galeria abobadada do rez-do-chão está consolidada por um pilar complementar e uma disposição complicada de vigas de madeira que sustentam as delicadas janelas gothicas do primeiro andar. Entro



«Le danger est l'axe de la vie sublime.»
Gabriele d'Annunzio

no pateo: os famosos poços, a magnifica escadaria dos Gigantes desaparecem sob os montões de saccos: um guarda corre atraz de mim para-me dizer que tudo está fechado e indica-me mysteriosamente a *Coccheira* dos cavallos de bronze.

Trata-se dos quatro cavallos antigos que ornamentavam tão soberbamente a fachada de San Marcos. Apearam-nos e esconderam-nos cuidadosamente envolvidos O povo julga, em Venezia, que logo que os cavallos se movam cahe um imperio. E este proverbio, realisado já no passado, vae talvez verificar-se uma vez mais.

Penetro na Egreja, mergulhada n'uma admiravel escuridão. Algumas pallidas lamparinas dão pontos amarellos na sombra. Um dia cinzento penetra pelas janellas bysantinas lá em cima, sob as cupulas de oiro.

A pouco e pouco acabo por distinguir, entre o esplendor dos mosaicos, os saccos amontoados em molduras de madeira, tentativa de protecção para as obras mais vulneraveis ou mais preciosas. Mas ha tantas riquezas que é impossivel proteger? O perigo torna-as mais bellas e mais commovedoras. E a gente deixa-as, a tremer...

Para a estatua de Colleone, a *loggetta* do Campanilo, os leões do Arsenal, os monumentos de San Giovanni e San Paolo, os quadros do Tintoretto na escola San Rocco e outras obras primas, a mesma tutella vigilante.

Venezia defende-se. Defende as suas bellezas. Defende tambem a sua alma porque, mais que em qualquer outra parte, a hora aqui é dura. Não falo já da ameaça permanente dos aviões inimigos que veem frequentemente victimar innocentes. Mas a miseria é obsecante e contagiosa. Miseria dos gondoleiros junto dos caes desertos, miseria dos negociantes de joias, de vidros e madeiras esculpidas, miseria de todo este pequeno povo que os hotéis, os restaurantes e os cafés faziam viver; tudo está triste e deserto.

Miseria dos homens e miseria dos pala-

cios. As suas persianas cerradas são como olhos fechados em rostos de defuntos; os estuques cahidos parecem chagas, as pedras separadas parecem feridas que ninguém procura curar. Melancholia dos sinos que nas oitenta torres de Venezia, rythmam o curso do tempo no nevoeiro e na chuva. E quando a sua ultima vibração, semelhante a um dobre de finados, se perde no espaço, na melancholia d'este silencio de agua, cortado sómente pelos murmurios e os soluços da tempestade, dir-se-hia que Venezia chora a sua ruina...

E nunca ella foi tão bella! Nunca o seu aspecto foi mais harmoniosamente pathetico, mais perturbadora a sua fascinação, o seu desejo de olvido e aniquillamento.

Mas Venezia defende-se mesmo contra este encanto perfido. A maior parte dos habitantes lá se conservam, não obstante as bombas dos aeroplanos inimigos. O povo soffre a miseria e a ameaça aerea com um fatalismo resignado. O antigo presidente do conselho Zurzati louvava os venezianos, n'um discurso recente, por elles não fazerem distincção entre austriacos e alle-mães designando-os todos pela mesma palavra detestada; *tedeschi*. Eu não oiço senão palavras francas e claras, declarações energicas, isentas de qualquer subtilidade romana. Porque não se declarou ainda a guerra á Alemanha? Porque não se mandaram, em soccorro de Verdun, as nossas tropas desoccupadas? Porque se não atacou ainda resolutamente o adversario? Assim rugem os «leões».

E é tambem o que diz o poeta. Gabriel d'Annunzio está sendo tratado n'uma casa vermelha á borda do grande canal. Lá fui, naturalmente, levar a homenagem da minha sympathia e da minha admiração. Fui recebido n'um quarto de doente, sombrio e quente.

Elle é, n'um leito branco, uma fôrma *moulée*. Tem a cabeça envolvida por ligaduras. Não lhe vejo os olhos nem o rosto mas oiço a voz acariciadora com que elle responde ás minhas perguntas, me diz o

seu estado, a esperança que lhe resta de conservar a vista por uma cura de repouso prolongado, o soffrimento da inacção n'este momento. E depois, não querendo falar mais n'elle—não se preocupe com os meus olhos, meu irmão! — D'Annunzio celebra a guerra, a acção, o sacrificio dos egoismos. Diz-me coisas simples e profundas com um lyrismo natural; na sua noite a meditação mostra-lhe evidencias que elle não podia ver tão bem na claridade do dia; tendo conseguido escrever pequenas phrases que os seus amigos copiam assim foi redigida a carta que elle acaba de enviar ao Presidente do Conselho pedindo-lhe para mandar sem demora para França tropas italianas...

O soffrimento será longo e doloroso ainda, sem duvida, mas é preciso que seja tambem ardente e bello, como o Fogo, e, como elle, purificador...

JULES DESTREES

Venezia defende-se!...

Contra a eterna Belleza enclausurada, ergue-se mais uma vez o odio eterno da Nemesis germanica.

N'esta lucha sagrada e n'esta suprema dôr, a Venezia dos Doges toma a partilha maior; e ella que, durante as guerras e os cêrcos mais terriveis, não faltou nunca com o pão do Senhor ás pombas de S. Marcos, como pôde vêr as aguias negras de Brandeburgo ruflando sobre a tranquilla epopeia dos seus canaes, dos seus campanarios e dos seus palacios?

Não é apenas a Italia *irredenta*, que hoje se bate, mas principalmente, como diz Jules Destree, a Italia romana dos artistas, neta de Augusto, filha de Leão X.

E é exactamente por que esse patrimonio artistico propulciona mais nobremente a Italia *irredenta*, que nem Roma, nem Florença, nem Venezia, quizeram ouvir o grito iconoclasta de Marinetti quando as aconselhava, no seu manifesto recente, a moldar canhões e obuzes sobre o bronze classico das estatuas. E foi decerto por querer salvar para outros olhos, a belleza plasmada n'esses bronzes, que d'Annunzio arriscou agora a visão sacratissima dos seus... Se Venezia morresse, Perdita, aquella que foi, no *Fogo*, a amante irreal da nossa imaginação, adormeceria decerto na renuncia; e Stelio, o Animador, veria que os seus olhos, salvos da cegueira, lhe não serviriam senão para chorar!

A Alemanha guerreira, que hoje seque allucinadamente o seu imperador, não vive a vida extranha d'um delirio mas soffre a fatalidade do seu temperamento. A Italia, erguendo-se contra ella, honra do mesmo modo a sua tradição. E assim como o povo grego e o judaico se distinguem, segundo S. Paulo, pela febre que um tinha de raciocinios e a ancia que o outro tinha de milagres, assim a Alemanha e a Italia se encontram inimigas na interpretação que deram á figura de Attila. O monstro da tradição italiana é, nos poemas germanicos, o rei que administra a justiça e vive fóra dos pleitos, o Agamemnon da Illiada e o Carlos Magno da Tavola-Redonda: o assassino do mundo apparece como um Arbitro sereno das querellas dos *Niebelungen!*...

Agora que o prestigio da Egreja não faz parar sobre as margens do Tibre o descendente de Attila, a Italia arma-se e procura, sob a poeira dos seculos, a espada salvadora de Aëtius...

J. DO A.

D. Carolina Michaëlis

POR

ALFREDO PIMENTA

CREIO bem que o nome d'esta senhora illustre é desconhecido da quasi totalidade das gentes republicanas; e aquellas gentes republicanas que o conhecerem, — conhecem-no apenas de nome, que nunca o tempo lhes sobrou para se dedicarem a lêr o que se deve lêr, tão prodigamente o gastam, lendo o que nunca deviam saber.

Ora, ha dias, escrevia-me ella : «Vamos a vêr se me deixam em Portugal ou se me expulsam».

Nunca me tinha passado pelo espirito que a senhora D. Carolina Michaëlis pudesse soffrer, por parte de portuguezes, a violencia de uma affronta. A phrase da sua carta encheu-me de indignação, e logo me resolvi trazer o caso a publico, no proposito de chamar a attenção das creaturas de valor para elle. Ouvi dizer, depois, que o acto que se queria praticar, além de fundado na lei, fundára-se ainda nos sentimentos germanophilos da illustre publicista. A senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos é allemã de nascimento e portugueza, pelos affectos, pelos habitos da sua vida, pela ternura do seu coração. Ella falla, frequentes vezes, nas suas 2 patrias. E é bastante nobre para não pensar sequer em renegar a sua patria allemã, como é bastante digna praa não pensar sequer em trahir a sua patria portugueza.

Eu possuo o malfadado condão de pensar, em geral, o contrario da mór parte da gente. E ha uma coisa que eu não perdôo a ninguem : o renegar a sua patria, o trahir a sua patria. Vejo, para ahi, ás vezes, as gazetas portuguezas baterem palmas, satisfeitas e delirantes, pelo facto de um general bulgaro trahir a Bulgaria, de um socialista allemão renegar a Allemanha, e um politico austriaco se oppôr á acção da Austria. No entretanto, eu considero esses factos tão degradantes, tão ignominiosos, tão vergonhosos, tão dignos de censura, como considero degradante, ignominiosa, vergonhosa, e digna de censura, a attitude da Irlanda levantando-se em revolução, no momento em que a Inglaterra lucha desesperadamente com a Allemanha. O traidor á patria é sempre traidor—quer se trate de um nosso amigo ou de um nosso inimigo. A senhora D. Carolina Michaëlis é germanophila? Isto é, a senhora D. Carolina Michaëlis ama a sua patria de nascimento, considera-a no seu justo valor, aprecia-a, como o seu espirito e o seu sangue honesto indicam? Nem por isso, essa illustre senhora deve ser considerada nossa inimiga, porque jámais poderá ser inimiga de Portugal quem tanto bem a Portugal tem feito, quem tantos serviços tem prestado a Portugal, quem tanto tem engrandecido, prestigiado e cathorizado o nome de Portugal. Ha poucos espiritos em Portugal a quem a nossa litteratura deva o que deve á senhora D. Carolina Michaëlis. Senhora de uma erudição intensiva prodigiosa, espirito critico, com facultades de analyse extraordinarias, sábia em toda a accepção da palavra, a minha illustre amiga tem consagrado a existencia a engrandecer, nos meios eruditos, o nome portuguez. Desde o seu carinhoso trabalho sobre a *Infanta D. Maria de Portugal* e *Hortensia de Castro* até á sua lucida tradução e nobilissimo commentario do estudo de Storck sobre Camoens; desde a sua importantissima edição das obras de Sá de Miranda, a que, no exemplar que me

offereceu, chama «pobre estreia portugueza», até aos seus trabalhos sobre os cancioneros e as suas monographias ligeiras, sobre os mil e um assumptos a que os primeiros seculos da litteratura portugueza se prestam—que incalculaveis, que grandiosos serviços tem essa senhora prestado ao nosso paiz!

Deixem-se os patrioteiros exaltados de, com suas inconveniencias e levianidades, magoar e offender os verdadeiros amigos de Portugal, no numero dos quaes está bem em logar de destaque, e nos primeiros logares, a senhora D. Carolina Michaëlis, tão respeitavel pelos seus talentos como pelas suas virtudes, senhora que n'uma hora adeantada da sua vida vê, com infinita magoa, em campos oppostos, as suas duas patrias queridas.

Que o nosso paiz, em guerra, se defenda, com energia, mas com intelligencia; que se defenda com firmeza, mas sensatamente. Expulsar do territorio portuguez a senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos é uma affronta que se faz ao espirito humano, e é um acto de indesculpavel ingratição. Ninguem poderá exigir-lhe que renegue a sua patria de origem, que pratique o acto de subserviencia feia que já para ahi tenho visto praticar. Exigir-lh'o seria offendel-a. Eu, governo portuguez, entre a senhora D. Carolina Michaëlis, germanophila, e um allemão que viesse, em particular ou publicamente, declarar-me que nada tinha com a Allemanha e nada queria com ella, eu, governo portuguez, não hesitava : melhor me entendia com a senhora D. Carolina Michaëlis que com o allemão que renega a sua patria. Professora da Universidade de Coimbra, onde o seu nome illustre figura já entre os mais illustres dos professores da nossa Universidade, auctora portugueza, porque o seu nome pertence á litteratura portugueza, tendo vivido na intimidade dos maiores espiritos do nosso tempo, casada com um portuguez, a quem a critica de Arte deve legitimos trabalhos de valor, relacionada, no Porto, com a melhor gente, com o seu nome ligado a dezenas e dezenas de prefacios criticos, de apreciações a auctores portuguezes—como ha quem pense em applicar a esta senhora o decreto de expulsão?

Não sei, á hora em que escrevo estas linhas, o que vae fazer o governo. E bem possivel é que, no momento em que este artigo vier a publico, já o governo tenha solucionado o caso. Mas não me soffria o animo calar-me—porque o meu espirito deve á senhora D. Carolina Michaëlis muitos ensinamentos, muitos estimulos, muitos carinhos e muita amisade. E é nas horas criticas da vida dos povos que nós precisamos de mais serenidade e de mais reflexão. Lançar sobre a senhora D. Carolina Michaëlis a suspeita de espionagem (e é para evitar a espionagem que a medida da expulsão se adopta), lançar sobre essa escriptora portugueza, a mais bem ordenada mentalidade feminina portugueza, uma suspeita d'essa ordem, é faltar ao respeito que a nós proprios nos devemos, é affrontarmo-nos a nós proprios : esse gesto infeliz cahirá, em cheio, sobre nós. Pode ser que o não sintam os politicos; não o sentem, seguramente, os chamados defensores da republica; mas soffrem-no, sem duvida, todos quantos n'este paiz, teem em conta os serviços de Intelligencia, e apreciam o valor do Saber : desde o sr. Theophilo Braga ao mais modesto trabalhador de letras, todos, estão bem certo d'isso, apoiam as minhas palavras

e, se não com esta franqueza com que procedo, ao menos, no íntimo do seu coração, farão votos pela não applicação do decreto de expulsão á senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

Ouvissem-na, como eu a tenho ouvido tantas vezes, fallar de Portugal e vissem como enternecidamente segue o curso dos acontecimentos, como soffre com as nossas angustias e como ella acarinha os que começam, como ella ajuda os que recorrem ao seu saber, como ella estimula os que encontra cansados, como ella diz aos hesitantes :—wer ansharrt, wird selig!—, o que poderá talvez traduzir-se pelo nosso—*quem teima sempre alcança*; vissem como ella é, para Portugal e para os portuguezes—e já ninguem levaria a bem que se pensasse sequer em exercer sobre essa senhora, a violencia que se projecta—mas que não creio que se realise.

E se se realisar, ahi fica o meu protesto, sem valor, bem o sei, mas muito sentido e muito sincero.

ALFREDO PIMENTA

Alfredo Pimenta

A notavel revista *Estudio*, de Barcelona, insere no seu numero de abril de 1916, uma cuidada apreciação das duas conferencias pronunciadas na Liga Naval pelo nosso illustre collaborador Alfredo Pimenta e intituladas : *A significação philosophica da guerra europeia. O imperialismo contemporaneo*.

«São duas conferencias, fortes de expressão e prenhes de ideias que, mezes atraz, fez o seu auctor, publicista eminente, nos salões da Liga Naval Portuguesa, quando ainda não era possivel prever-se a declaração de guerra da Allemanha á visinha Republica. Ao publicar-as agora, não seguiu a dissertação oral com exactidão tachigraphica; mas, prescindindo de certas fórmulas adequadas ao exito oratorio, robusteceu a argumentação com notas, ampliações e bibliographia que augmentam a consistencia do trabalho.

Para nós, o maior relevo que este nos offerece, está no facto de nós reproduzir a imagem de um estado de opinião em Portugal, segundo o qual, a visinha Republica deve estar disposta, em qualquer momento, a afrontar todos os perigos que possam advir-lhe da sua fidelidade á alliança ingleza, no que estiver contractado, mas não os que possam derivar de actos hostis levanamente praticados contra a Allemanha. Colocar Portugal n'uma situação de semelhante equilibrio é o que o seu auctor julga tarefa ardua da diplomacia lusitana. Se é descomedida a guerra de Portugal contra a Allemanha, seria uma insensatez, em sua opinião, deslocar, repentinamente, toda a sua vida internacional.

O estudo do imperialismo, que fórma a segunda parte do folheto do publicista portuguez, apresenta não menor interesse do que o que havemos resumido. Parte da noção do imperialismo atravez de diversas escolas, mostra depois as suas bases para, finalmente, analysar como este conceito vive e actua em diversas nações imperialistas. Como consequencia, julga ver no imperialismo o pretexto dos povos incompetentes ou incapazes serem expropriados pelos de maior competencia, fazendo consistir, portanto, a politica imperialista na serie de factos que levam a experimentar a maior competencia dos povos. Outros resultados do imperialismo são a dictadura da força, com prejuizo de certos valores moraes, e o renascimento das aristocracias, sejam de sangue, de intelligencia ou de trabalho, como representativas da maior força.

E' este o ambiente ideologico do folheto que resumimos, que pôde apreciar-se de mais diversas maneiras, segundo o criterio de cada um, mas do qual, é inegavel, está ausente toda a vulgaridade.—*F. de A. R.*»

«A IDEIA NACIONAL»

OS SEUS ESCRITORIOS EM PARIS

Todos os assumptos relativos a publicidade estrangeira da Ideia Nacional devem ser tratados com a nossa agencia commercial em Paris. L'Information Universelle—101—Rue Saint Lazare.

COISAS DE NADA

POR

ANTONIO CARNEIRO

Supplicio de Tantaló

A's menores coisas attento,
Todas as coisas pergunto;
E entrei no convencimento
Que só encontro um assumpto
Quando os assumptos invento.

E é de não se acreditar
Que, havendo assumptos em barda,
Não tenha que lhes contar;
Pois ha boatos no ar,
E corre muita atoarda...

A cauta musa procura
Fugir aos perigos da rima;
Pois se a minha litteratura

Se um detalhe sem valor
O prompto lapis annota,
Logo o risca, no temor,

Que eu seja anti-patriota.

Quando se forjam enredos,
E os homens vão tão sujeitos
A tão ridiculos medos,

Quando alguém, em voz bem forte,
Exige que se estatúa
A antiga pena de morte;
Quando a justiça da rua
Encontra quem n'a exhorte;

Encontro-me sem assumpto,
Cofn tantos que por hi vão!...
Pois nunca vi um conjuncto
De tanto facto junto,
Em mais ampla exposição.

Mas quem no muzeu entrar
Encontra os guardas a postos,
E um lettreiro a avisar :

Desgraçados!...

Quando os aleijadinhos nas estradas,
Exhibem, implorando a caridade,
As pustulas das chagas gangrenadas,
P'ra moverem quem passa, á piedade;

As almas do Senhor melhor formadas,
As creaturas de maior bondade,
São constrangidas á necessidade
De desviar a cara, horrorizadas.

Por isso eu vos escondo e me occultaes,
As incuraveis ulceras moraes,
P'ra que se não desvie quem por nós
passe...

Se a alma fôsse coisa que se visse,
Talvez bem pouca gente resistisse
A olhar-se n'este mundo face a face...

ANTONIO CARNEIRO



ASPECTOS

DA GUERRA

POR

M. AMARAL

(TENENTE DE ARTILHARIA)

A defeza das costas
portuguezas

UMA vez lançado na belligerancia o nosso paiz olhará naturalmente, n'uma interrogação apprehensiva, para o enorme desenvolvimento da fronteira marítima. Portugal é na verdade um dos paizes europeus que, em relação com a superficie do seu territorio, apresenta maior extensão de costas, não pouco propicias a desembarques.

Assim como a Inglaterra, forçada pelas circumstancias geographicas, vem desde longos seculos protegendo efficazmente as suas costas e o seu commercio com a mais formidavel frota de guerra de todos os tempos, assim seria theoreticamente desejavel que o nosso pequeno paiz pudesse dispôr de uma poderosa segurança naval que em qualquer hypothese o collocasse ao abrigo das terribes consequencias de um bloqueio.

Vão longe os afortunados tempos em que as caravelas lusitanas sulcavam os mares quasi de polo a polo, impondo sujeição ou alliança ao pavilhão nacional. Hoje em dia mal podemos conceber que gigantesco esforço seria mister realizar para nos cathegorisarmos como grande potencia militar e naval.

Felizmente para os pequenos Estados a grande guerra actual veio trazer ensinamentos animadores que nos permittem afirmar que a perspectiva da nossa situação em caso de guerra se desenha menos sombria do que á primeira vista pode parecer.

E' na verdade dilatada a nossa fronteira marítima e pode em principio dar-nos a impressão de que um sem numero de portos abertos offerecem uma relativa impunidade aos desembarques inimigos. E se poderosos nucleos de forças navaes, criteriosamente distribuidos pelas bases estrategicas da nossa costa, pudessem fazer pagar caro ao inimigo as veleidades de um desembarque, bem poderiamos considerar-nos felizes arredada para bem longe a possibilidade de um bloqueio.

Mas já sob o ponto de vista da defeza terrestre, na hypothese, por exemplo, de um conflicto com a Hespanha, nós temos de pôr de parte todo e qualquer plano que não seja o de uma defeza-mais ou menos concentrada. As razões d'ordem technica que a isso levam não são para aqui mas pode o leitor dispensar-as se attentando na historia das nossas passadas guerras, d'ellas souber tirar os claros ensinamentos que offerece.

Por todos os motivos, portanto, quer pelo lado de terra, quer pelo lado do mar, o Campo Entrincheirado de Lisboa está naturalmente destinado a representar um papel importantissimo em caso de guerra.

Na presente conjunctura, estando os nossos alliados na plena posse do dominio dos mares, estamos certamente ao abrigo da investida de uma poderosa esquadra allema. Mas ainda quando assim não succedesse não devia atemorizar-nos todo o poder das esquadras germanicas porque em tempo algum foi empreza facil para qualquer força naval o bloqueio e principalmente o forçamento de um porto fortificado. Não precisamos recorrer ao exemplo de Porto Arthur porque muito mais recentemente a tentativa de forçamento dos Dardanellos pelos alliados nos dá sobeja razão ao que afirmamos.

O simples bloqueio, com o fim de cortar por completo as communicações d'um porto com o mar, offerece hoje serios perigos com a utilização das minas derivantes e sobretudo

do com os aperfeiçoamentos introduzidos nos submarinos.

Pode o leitor aceitar com difficuldade e ironia a possibilidade de Lisboa resistir a um bloqueio e bombardeamento levado a effeito por uma forte esquadra inimiga, onde o seu vago conhecimento de coisas de guerra lhe diz que ha formidaveis canhões de 30 e tantos, espantosas couraças quasi comparadas ás muralhas da Babilonia sobre as quaes sete triagas corriam a par. Pode mesmo o leitor não ignorar que o armamento costeiro é quasi sempre inferior em efficacia e alcance aos canhões de bordo; e no entanto, pode o leitor acreditar, as baterias de costa teem sempre incontestaveis condições de superioridade sobre os seus adversarios.

Não nos permite a indole d'este artigo entrar em detalhes com que possamos corroborar a nossa affirmação. Notemos apenas que deante dos antiquados fortes dos Dardanellos, das anacronicas peças de que dispunham os turcos, recuaram os melhores couraçados, armados com os mais modernos canhões.

Lembremos ainda summariamente que vantagens não representa para a defeza o facto de as baterias terem o seu campo de tiro larga e minuciosamente estudado e a facultade de que dispõem de sonegarem ao inimigo a sua exacta posição pelo emprego de disfarces, a relativa segurança do seu remuniamento, a estabilidade das suas plataformas de fogo em contraste com a mobilidade que tanto difficulta o tiro de bordo e ainda a immuniidade que a algumas offerece o deseniamento pela altitude a que estão collocadas acima do nivel do mar.

Muitas vezes se disse, acerca dos fortes dos Dardanellos, que tal ou tal bateria tinha sido reduzida ao silencio, arrazada, aniquillada pelo bombardeamento dos formidaveis canhões de 382 mm da marinha ingleza. E quantas vezes os alliados não viram, com surpresa, recommear o fogo onde elles julgavam que não teria ficado pedra sobre pedra. Quaes outras Phenix, as baterias que hoje de dia eram reduzidas ao silencio, desmoronados os seus travezes e canhoneiros, eram durante a noite febrilmente desatuhladas e ás vezes dentro de horas postas em condições de fazer fogo. E d'ahi o aforismo technico, já quasi consagrado que diz que «calar uma bateria não é destruil-a». Quantas vezes succedeu nos Dardanellos que a intensidade e precisão do fogo dos navios obrigava a desguarnecer as peças e a recolher as guarnições aos paioes sem que todavia uma unica das boccas de fogo tivesse sido attingida ou pelo menos seriamente molestada! A observação aerea realisada pelos aeroplanos constataba muitas vezes a destruição da obra, o atulhamento das plataformas pelos escombros dos travezes e parapeitos, e no entanto sob esses mesmos escombros as boccas de fogo, intatas, esperavam apenas que mãos ligeiras e decididas as desobstruissem, para recommear a sua ingrata faina de defeza. D'esta forma alguns navios alliados foram surpreendidos a curtas distancias pelo fogo de baterias que já estavam dadas como destruidas.

E' de notar que a defeza dos Dardanellos quasi nunca utilisou as poucas unidades navaes de que dispunha. Mas a apparição de submarinos n'aquellas paragens, denunciada pelo afundamento quasi simultaneo dos couraçados inglezes *Triumph* e *Majestic*, produziu um effeito de tal ordem, que os alliados, não desistindo logo da empreza, mudaram todavia completamente os processos do ataque.

«Perante este episodio, diz um escriptor militar, tem-se já pretendido concluir que, se os trucos dispuzessem de submarinos, os alliados não teriam atacado os Dardanellos.

O que pudemos concluir d'aqui?

Primeiro que tudo renovar a affirmativa acima feita de que o ataque a um porto fortificado é sempre uma empreza difficil para uma esquadra, mormente hoje em dia que tudo aconselha o largo emprego dos campos de minas até muitos kilometros das defezas mais avançadas e principalmente quando o porto atacado dispõe de uma boa esquadilha de submersiveis de grande raio de acção. Assim Lisboa quando um dia tiver augmentado o numero das suas boccas de fogo compridas de grande calibre, quando puder dispôr de uma meia duzia de bons submersiveis que tornem temeridade para os couraçados inimigos a sua approximação da bahia de Cascaes, poderá considerar-se em condições de sustentar um demorado investimento.

A necessidade de uma esquadra de manobra para collaborar em defeza do porto tende a desaparecer desde que se não tenha em vista, como nós não podemos ter, de forma alguma, obter a decisão do conflicto n'uma rapida acção naval com a esquadra inimiga. Vejamos o que faz a Alemanha cuja marinha de guerra é ainda hoje a segunda esquadra do mundo: abriga-se á sombra dos fortes do Mar do Norte esperando que os seus submersiveis colloquem a esquadra ingleza em condições de lhe não fazer tanto mal.

A situação militar

Para não deixar por desmentido o seu proverbial «entêtement» o allemão continua como um possessor, arremessando contra Verdun o melhor das suas furias.

O que levou o estado maior germanico a tentar romper a linha franceza por este antigo e robusto pilar da muralha d'oeste, é qualquer coisa de mysterioso e profundo que o velho alliado de Deus esconde com os seus altos designios ao olhar ignorante dos pobres mortaes.

Já por ahi se tem dito que se trata de uma questão de prestigio dynastico visto como sendo o kronprinz o commandante do sector que abrange Verdun, os louros da victoria lhe facilitariam a imposição da coroa

As lições de Verdun

Raciocinemos, leitor:

Se, como disse Napoleão, a força d'um exercito se avalia, do mesmo modo que a quantidade de movimento em mecanica, multiplicando a massa pela velocidade, — hemos de concordar em que os allemães se enfraquecem de momento para momento por isso que nas operações de Verdun a massa gasta-se constantemente e constantemente diminue a *velocidade* do ataque. Acontece, pois, que, fóra da guerra de movimentos, e este é o caso na tactica de cerco applicada contra Verdun, — o problema da offensiva prussiana reduz-se a poder ella dispôr e manter uma massa d'homens *constante* e *sufficiente*, a fim de compensar a lentidão dos deslocamentos com a quantidade, quasi indefinida, dos elementos em jogo. D'est'arte, a menos que a Alemanha possua reservas inexgotaveis, o problema da sua offensiva parece insolvel apesar dos recursos materiaes com que ella substitue a falta de recursos humanos.

Este raciocinio d'ordem dinamica levamos a concluir, deductivamente, que n'um dia mais ou menos longinquo veremos as forças dos nossos adversarios descerem a um nivel tal que se encontrarão na impossibilidade absoluta de manter a integridade das suas linhas.

imperial quando um dia houvesse de succeder ao seu augusto Pae.

Na verdade esta actividade dos allemães n'um ponto da linha que dista mais de 200 kilometros de Paris contrasta singularmente com a sua inercia no saliente de Noyon, apontado a Paris como um gladio de morte.

Melhor, porém, que a questão do interesse dynastico, nos explica a attitude dos allemães o exame dos terrenos á retaguarda de Verdun onde a densidade das vias de communicação e a falta de condições naturaes de defeza serviam á maravilha para uma marcha victoriosa sobre Paris. Todavia ninguem pode ainda assegurar a que ponto da linha de batalha se destinam os ultimos e numerosos reforços recebidos pelos cabeçudos teutões. Nas restantes frentes a situação mantem-se com rigor.

A parte interessante da grande guerra desenrola-se n'este momento para as bandas do Mar Negro que os russos vão bordejando victoriosamente talvez para investirem com Constantinopla por via Scutari, uma vez obtida a certeza da inação dos persas e trabalhando na Armenia com o favor das pobres victimas da tirannia ottomana pelas quaes foram recebidos como uns libertadores enviados do ceu.

Uma outra noticia de sensação da ultima semana foi sem duvida o decretamento do serviço militar obrigatorio em Inglaterra.

E' preciso conhecer a historia e o temperamento britannico para bem avaliar o que essa medida representa de importancia.

O velho e impertinente Clemenceau calára por um momento as suas insistentes «reproches» ao governo inglez de que elle de resto não ignora a ardua missão e o gigantesco esforço dispendido para a cumprir.

Ao mesmo tempo que em presença da nova medida do governo de mr. Asquith, nós podemos confirmar a nossa esperança na victoria dos alliados, devemos tambem considerar no que os inglezes mostram pensar sobre a duração da guerra.

8 de maio 1916.

M. AMARAL
Tenente de Artilharia

Presagios de paz

Reina uma grande emoção no mundo da cartomania. Os *homens* voltam: os reis e os valetes reaparecem no jogo, d'onde tinham fugido em agosto de 1914. E' um grande signal, este. Signal de quê? não sabemos; mas creiam V. Ex.^{as} que é muito grave... — «Ha vinte e dois mezes, escrevenos um adoravel cartomante de Paris, ha vinte e dois mezes que, para saciar a dolorosa curiosidade das mulheres francezas, nós baralhamos as cartas. E sabe? Não appareciam homens, nem louros, nem morenos, nem castanhos... Ora succede que os *homens* voltam agora a apparecer. Imagine a nossa alegria e a alegria das nossas clientes...» E' a desmobilisação proxima que M.^{elle} Suze descobre n'esta volta dos *homens*?

Mas ha outros signaes; por exemplo: — o sino da pequena aldeia bretã de Concarneau tangeu festivamente sem que ninguem lhe tocasse. Deu quarenta e cinco badaladas. Que quer isto dizer? Quer dizer, explica a tradição bretã, que a guerra não durará mais de quarenta e cinco dias. Porquê? Porque vinte e um dias antes que findasse a guerra da Crimeia, o sino de Concarneau cantou vinte e uma vezes; e deu trinta e tres badaladas, trinta e tres dias antes da paz de 1871.

VIDA COLONIAL

A situação de Moçambique

POR
LOURENÇO CAYOLLA

A guerra travada no principio d'este seculo entre a Inglaterra e algumas das suas colonias mais importantes da Africa do Sul, veio collocar as poderosas empresas exploradoras das minas de ouro do Rand n'uma situação afflictiva. Era urgente acudir a essa situação, sob pena de se chegar rapidamente a uma ruina completa. Logo que se romperam as hostilidades dezenas de milhares de indigenas haviam abandonado o trabalho das minas para regressarem ás regiões d'onde haviam emigrado. O prolongamento das operações agravára consideravelmente o deficit dos trabalhadores, chegando-se a ponto d'essa industria, que é ha muitos annos o nervo mais forte da economia do Transvaal, se ter paralyzado quasi completamente. Assignada a paz era necessario curarem-se as feridas que a guerra tinha produzido, readquirir o tempo perdido, intensificar-se vigorosamente o trabalho, de forma que as empresas mineiras podessem corresponder ás exigencias do mercado, accrescidas pelo periodo de inactividade forçada e pelo desenvolvimento progressivo das relações commerciaes. Os indigenas do Transvaal e do Orange, dizimadas em grande parte pela lucta que se travára, eram insufficientissimos para o desenvolvimento que a laboração das minas devia tomar. Tornava-se necessario ir buscar-los aos territorios visinhos sob pena de se inutilisar quasi por completo uma riqueza tão laboriosamente adquirida. A nossa provincia de Moçambique, sobretudo pelos seus districtos do sul, achava-se nas condições mais favoraveis para poder prestar tão assignalado serviço aos mineiros do Rand. Como já dissemos a corrente da emigração para as minas estabelecera-se com bastante intensidade desde os tempos do Commissariado Regio de Mousinho de Albuquerque. Não seria difficil fortalecer a agora mais, desde que se dessem facilidades e auxilios aos agentes d'essa emigração. Tratava-se assim d'uma questão de vida ou de morte para a economia do Transvaal e as circumstancias tinham-nos tornado arbitros dos progressos ou da ruina d'esse riquissimo estado. Por isso elle se interessava tanto pelas negociações d'um accordo diplomatico que lhe assegurasse o seu futuro. N'esse momento parece-nos que não seria difficil conseguirmos a assignatura d'um tratado definitivo, que salvaguardasse por completo os nossos interesses e os nossos legitimos direitos e nos libertasse de vez da guerra sem quartel que o Natal principalmente nos movia, para inutilisar os benefícios que deviamos colher da privilegiada situação geographica do porto de Lourenço Marques. As condições em que nos encontramos podiam mudar, como na verdade succedeu, d'um momento para o outro e era um acto de previdencia não as deixarmos escapar, sem que d'ellas tirassemos todo o proveito. Foi isto que infelizmente não viu o governo de então e deslumbrado pelas vantagens, mais apparentes do que reaes, que nos foram offercidas, concordou em acceitar um accordo provisório, revogavel a todo o momento, collocando d'esse modo a outra parte contractante em situação de nos dispensar os serviços, e simultaneamente de nos negar as compensações concedidas, logo que o podesse fazer.

D'outros defeitos enfermou ainda o instrumento diplomatico assignado em 18 de dezembro de 1901. Comprehedia-se que se abrissem livremente as portas para a emigração para o Rand aos indigenas de Lourenço Marques, Gaza e Inhambane, já habituados aos trabalhos das minas e habitantes de territorios onde as explorações agricolas se conservavam pouco mais do que embrionarias. Mas o mesmo não succedia nos outros districtos da provincia e o fomentar ali o exodo dos seus naturaes mais validos e robustos para pontos tão distantes e com regresso tão contingente equivalia a sacrificar os progressos da riqueza agricola, que tanto pode prosperar n'esses districtos, desde que a ella se consagrem capitaes sufficientes e não faltem braços para trabalhar. Foi um erro capital que começámos a pagar desde logo e ainda hoje estamos pagando, com grande prejuizo para o desenvolvimento da riqueza de toda a colonia.

Na questão da repatriação obrigatoria também não insistimos com a devida energia, apesar de já então tudo nos dizer que ella era d'uma importancia capital. Comprehedia-se que Mousinho d'Albuquerque não tivesse imposto a repatriação no seu regulamento, porque quando este foi publicado raros eram ainda os indigenas da nossa provincia que não voltavam rapidamente

para as suas terras, logo que terminavam os contractos a que se tinham obrigado. Mas d'então para cá haviam-se accentuado os inconvenientes d'essa omissão e tinhamos por isso o dever de não consentir que ella se repetisse. O nosso negociador não deixou de a propôr, mas cedeu perante a allegação do Transvaal de que as suas leis não permittiam obrigar qualquer indigena a sahir d'ali contra vontade e de que semelhante disposição seria mal vista na Inglaterra, porque ella reduziria os indigenas a uma especie de escravos.

Eram pretextos sem fundamento desmentidos até pelos factos, pelo que pouco antes ainda se fizera aos coolies no Natal e aos chinezes no proprio Transvaal, e pelo que depois succedeu na campanha que elementos ingleses tão injustamente moveram á nossa colonisação de S. Thomé, até ao ponto de nos obrigarem a tornar absolutamente effectiva e insophismavel a repatriação dos trabalhadores da provincia de Angola, chegando ao cumulo de nos apontarem perante o mundo como os ultimos representantes dos esclavagistas e tudo isto apenas com o pretexto dos seus sentimentos humanitarios e sem que se podessem escudar no mais remoto direito de se intrometterem na administração d'uma colonia nossa, exclusivamente nossa.

Os defensores do *modus vivendi* pretendiam justificar os defeitos de que elle padecia pondo em destaque os lucros e garantias que elle nos assegurava. A sua execução devia tornar muito mais productiva a cobrança do imposto de palhota, que tanto urgia augmentar para se conseguir o equilibrio financeiro da provincia. N'essa parte elles não se enganaram e tanto que o rendimento d'esse imposto, que havia ido baixando successivamente até produzir nos annos que precederam a assignatura d'aquelle diploma menos de 300 contos, já em 1906-1907 rendeu 843 contos e nos ultimos annos tem-se approximado da cifra de 1.500 contos. Por outro lado libertavamos-nos da guerra de tarifas em que se empenhavam contra a linha de Lourenço Marques a Ressano Garcia todas as empresas ferro-viarias da Africa do Sul. Era essa linha a mais curta de quantas ligavam o coração do Transvaal com o mar. Tinha o seu terminus n'esse porto de mar admiravel de largueza, constituido por uma bahia formosissima, em que se poderiam abrigar todas as esquadras do mundo, offercendo por isso as maiores facilidades á navegação. Tudo se conjugava para que ella fosse a sahida natural do importante commercio d'aquelle territorio, que de dia para dia progride com maior intensidade. Mas nem por isso as linhas rivaes affrouxaram na sua concorrência. A desproporção das distancias procuravam vencer-a com reduções inverosimeis nos transportes. A inferioridade dos portos com despesas colossaes, que realisavam artificialmente o que a natureza se negára a fazer. O proprio Transvaal se associava aos que nos combatiam, porque os interesses que a linha de Resano Garcia a Johannesburg podia auferir com maior intensidade de trafego eram muito inferiores aos que resultariam para o commercio pela redução necessaria ras tarifas.

Convinha-nos por isso realmente chegar a um accordo, que determinasse uma situação estavel e nos livrasse das contingencias d'uma rivalidade que não recuava ante os maiores sacrificios na ancia de nos conseguir vencer. Pelo *modus vivendi* parecia que conseguiriamos esse desideratum, visto o seu artigo IV estabelecer que as tarifas do caminho de ferro de Lourenço Marques e as de todas as outras linhas que terminavam no Transvaal conservariam as mesmas relações que entre ellas existiam antes da guerra e o artigo XI dectriminar que as mercadorias expedidas em transitio de Lourenço Marques ao entrarem no Transvaal teriam um tratamento igual e não pagariam direitos mais elevados do que as mesmas especies de mercadorias expedidas em transitio de Durban, East London, Port Elizabeth e Capetown.

Mas essas vantagens começaram a ser pouco depois restringidas e quasi eliminadas por completo por interpretações casuisticas e deliberações arbitrarías, a que nos fomos successivamente sujeitando, sempre sob a ameaça da denuncia do accordo estabelecido, o que não se daria se elle não tivesse um caracter precario e transitorio, e desde logo compensadas pelo sacrificio que tivemos de fazer com as despesas avultadissimas realisadas para que o caminho de ferro podesse corresponder ás responsabilidades da sua exploração e para que o porto de Lourenço Marques fosse dotado com to-

dos os melhoramentos e condições d'um grande porto commercial.

Com a assignatura do diploma a que nos referimos parecia termos posto um termo á guerra que nos era movida. Mas na realidade o que obtivemos foi apenas uma tregua. E tanto que, menos de dois annos depois, em 1903, o Alto Commissario do Cabo, Lord Selborne conseguia, na conferencia de Bloemfontein que se reduzissem realmente as tarifas, alterando-se para isso a classificação das tarifas e passando-se muitas mercadorias das classes mais altas para categorias mais baixas. Modificava-se assim em detrimento nosso a relação das tarifas das diversas linhas, relação que fora declarada inalteravel. Protestámos contra semelhante resolução, mas a resposta que obtivemos foi a de que nos restava o direito de denunciar o *modus vivendi*. Isto porém ainda não satisfazia o Natal e devido aos seus esforços e exigencias e ao constante receio de perdemos d'um golpe as vantagens que julgavamos ter obtido, assignámos o annexo de 15 de junho de 1904, que inutilisou por completo todos os beneficios do primitivo accordo.

Este confirmára o direito, que já haviamos conquistado ao assignarmos o tratado de 1877 com o Estado Independente do Transvaal, de terem entrada livre nas fronteiras d'esse Estado os productos dos nossos territorios da Africa Oriental. A' sombra d'esse direito poderiamos fazer prosperar as industrias já existentes n'essa nossa colonia e creamos ali muitas outras, porque contaríamos com um mercado garantido. Nos admiraveis relatorios em que o sr. conselheiro Freire d'Andrade fez a historia de toda a sua administração como governador, por um periodo bastante largo, da porvincia de Moçambique, relatorios que fornecem todos os elementos aos que quizerem fazer um profundo estudo das condições economicas d'essa provincia, o illustre colonial accentua estes mesmos factos e conta que pouco depois da assignatura do *modus vivendi* fundava-se na Matolla uma fabrica de moagens para moer o milho da região e exportar a farinha.

Essa fabrica pensava em alargar consideravelmente a cultura d'aquelle cereal e n'esse sentido pedira já uma concessão. O fabrico do alcool crescera também em proporções consideraveis e projectava-se cream-se fabricas de oleos e de refinação de assucar, aproveitando-se para isso o assucar das Mauricias, visto a provincia não o produzir ainda em quantidade sufficiente.

Pois pelo annexo de 1904 vimo-nos força-

dos a concordar em que os productos das industrias de Moçambique do Transvaal só seriam admittidos livres de direitos na outar colonia quando os elementos ou principaes partes constituintes de taes productos fossem originarios da colonia exportadora. Accedemos assim a um mal irreparavel, tanto mais que um anno antes o Transvaal e a Rhodesia haviam entrado na liga aduaneira da Africa do Sul e n'essa liga estabelecia-se que seriam livres, dentro de todos os seus territorios, todos os animaes creados e artigos cultivados, produzidos, ou manufacturados n'esses mesmos territorios. D'este modo o direito que perdemos passou a ser usufruido pelo Cabo e pelo Natal. O movimento industrial que se desenhava em Moçambique paralyzou-se completamente e foi no Natal que se passaram a fundar fabricas para o abastecimento do Transvaal. Em 1905 e 1906 as conferencias ferro-viarias continuaram a aggravar os nossos direitos. Na primeira resolveu-se a redução na preferencia que o *modus vivendi* nos concedera para as tarifas intermedias, materias brutas e productos importados; na segunda accordou-se em que essas preferencias seriam proporcionaes aos fretes e não absolutas, o que restringia consideravelmente as concessões que, em troca do que nós haviamos dado, nos tinham sido feitas. Nada d'isto se fazia sem que nós fizéssemos ouvir justas reclamações e fundamentados protestos. Mas o erro estava na origem e por isso quando não se encontravam argumentos para nos responder, dizia-se-nos que nos restava o recurso da denuncia do *modus vivendi*, mas que, n'essa hypothese, teriamos de arrostar com uma guerra de tarifas mais violenta ainda do que a que já haviamos soffrido.

Foi n'estas condições de tanta inferioridade para nós que se iniciaram as negociações do convenio de 1908. Ese tratado tem tido uma influencia mais intensa nos destinos da provincia de Moçambique do que o accordo de 1901.

As circumstancias haviam-se modificado radicalmente. A economia do Transvaal libertára-se em grande parte da dependencia em que estivera da acção do governo d'aquella nossa colonia. Precisamos apreciar o que foi esse tratado, as consequencias que d'elle advieram, a situação que creou a toda a provincia, para podermos deduzir as conclusões a que desejamos chegar. D'essa tarefa nos desobrigaremos no proximo artigo.

LOURENÇO CAYOLLA

MUSICA

CARTAS
A UM
COMPOSITOR CELEBRE
POR
RUY COELHO



MESTRE: Os dois recitales de piano que a minha compatriota Maria Antonieta Aussenac, deu aqui em Lisboa no theatro de D. Maria, constituiram para mim o maior acontecimento artistico de toda a temporada musical.

Assombrou-me aquella mulher! Já ha muitos annos que não dava tantas palmas. E se não precisasse também das minhas mãos para tocar piano, tel-as-hia partido n'aquellas duas noites memoraveis. Já vê quanto gostei da extraordinaria artista. Sobretudo nas paginas dos francezes modernos é que ella é completissima.

Fauré, Ravel, comprehende-os ella como se fosse a propria creadora d'essas bellissimas obras. Tocou a Sonata em si menor de Chopin, e Bach-Liszt

Uma maravilha!

Entretanto o theatro tanto d'uma como d'outra vez estava ás moscas. Dir-se-hia que o publico ouve com frequencia artistas d'esta natureza, ou que qualquer dos concertos que se fazem aos domingos com as orquestras symphonicas, podem porventura despertar o interesse puramente musical, que desperta nos espiritos esclarecidos a arte de Maria Aussenac! Este publico nunca m'enganou! Não é de musica que elle gosta! E' d'orquestra! Esta foi a prova!

Ahi em França ha formas mais positivas de admirar os artistas. Os Grandes todos os admiram. Os pequenos, desconhecidos, lá teem também os seus admiradores.

Eu sei d'um pobre desenhista que morava n'uma agua-furtada, e que quando não tinha cinco réis de seu, recebeu a visita de uma creadita do predio que lhe começou a fornecer ás escondidas do patrão, o almoço e o jantar.

O rapaz ia vivendo, e poucos tempos depois recebia seis almoços e seis jantares que vendia para comprar lapis e tintas. Eram as creadas todas do predio que resolveram salvar aquelle talento.

E' por isto que eu acho que M.^{elle} Aussenac

faz mal em tentar glorias artisticas no nosso paiz. Antes em Paris n'um sexto andar d'um boulevard.

Lá, salvam artistas as creadas de servir, aqui o respeitavel publico salva mediocridades.

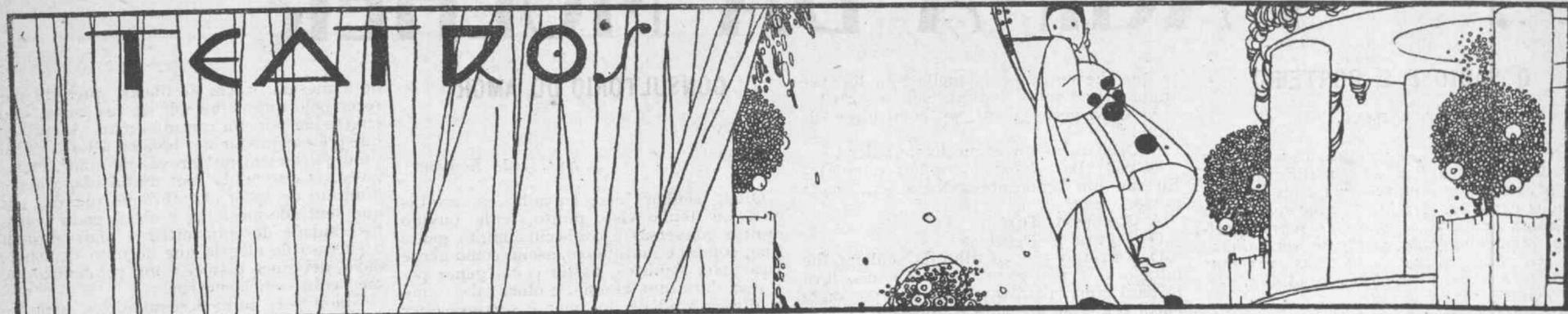
Lisboa acabou de receber a visita da orchestra Symphonica do Porto, que realiso dois concertos no theatro de S. Carlos, nas noites de 4 e 5 do corrente. Lisboa não foi ouvir a orchestra do Porto, d'essa terra que ha ainda sómente um anno, ali recebeu com a mais bella galhardia as suas duas orquestras. Porque seria?... mysterios. Lisboa é a terra dos mysterios. Entretanto, preciso é que se diga que essa orchestra deve ser ouvida, justamente porque, a meu vêr, ella é uma orchestra. Não brinco. Creiam que é muito difficil saber realisar a orchestra. Em geral o que se observa é, *metaes-com-cordas, cordas-com-metaes, cordas-metaes-madeiras, madeiras-metaes-cordas*; orchestra não é dinamica de timbres, mas, fusão de timbres. Orchestra, não é: separação de naipes, mas, fusão de naipes.

A afinação obtem-se pensando em realisar-a.

O estylo é mais obra do director. Segundo o grau de cultura musical do chefe d'orquestra, a sua maneira artistica, assim executa a orchestra. E eu sei qual é o estado mental do sr. Raymundo de Macedo. E' um musico, e um optimo pianista, o que prova quasi tudo. Bem sei que houve optimos chefes de orchestra que não tocavam piano, mas esses são sempre os homens de genio, Berlioz, etc.; fóra d'isso um chefe d'orquestra de carreira é na maior parte das vezes um pianista rasoavel.

Nickisch, é pianista valente. E Liszt? Era Liszt, o proprio genio do piano. Na verdade uma coisa é ler partituras, associando, e outra ouvir-as, ouvindo-as n'um instrumento completo, como o piano. E aqui está a razão porque Raymundo de Macedo nos fez ouvir a Symphonica de Franck, e a 4.^a de Schumann, com toda a verdade expressiva e não cahiu na banalidade pires dos contrastes exagerados dos fortissimos e pianissimos, o que a muitos poderia parecer falta de colorido, e nos deu uns Mestres Cantores, não em ordinario—marche-ametallado, mas, pesados, bem germanicos, dogmaticos, maestrosos, e um Liszt romantico, a cantar, a cantar. Bravo. D'aquí agradeço a bella lição.

RUY COELHO



CHRONICA

POR

DOM JOSÉ PAULO DA CAMARA

THEATRO D. MARIA—Octavio,
de Victoriano Braga

Octavio é um artista requintado e subtil, um estheta que vive na religiosa veneração da belleza espiritual, sedento de perfeição, procurando o Ideal, esquecendo ou dominando toda e qualquer exigencia dos seus nervos que pudesse manchar a pureza do seu sonho.

Octavio é, pois, um maduro, um caso patologico, producto morbido do seculo da neurasthema, dos «raffinés» e do futurismo.

Considerando a mulher como uma obra d'arte, que se deve admirar com os olhos da alma e com os nervos da imaginação, Octavio, no emtanto, para satisfazer os desejos de sua mãe que não deseja ver extinguir-se a familia, casa-se. E aqui é que o cultor do Bello vê o bom e o bonito!

A mulher do seculo XX, como a mulher do seculo II, como a mulher do seculo LXXIV é, foi e será, tal e qual como os officios das repartições e as magicas da Trindade, rotineira, conservadora, banalissima. A solteira quer casar, a viuva recorda saudosa o casamento, a mulher que casa... quer ser casada. Quem nunca foi Octavio que me atire a primeira pedra... se me não achar razão.

Debalde o estheta depõe aos pés de sua esposa toda a sua veneração. Em vão lhe pede a immobilidade das estatuas, para que na sua belleza ideal elle encontre a inspiração magnifica das suas mais brilhantes composições. Baldadamente lhe explica que só na sua pureza virginal reside toda a graça e toda a elegancia que podem commover a sensibilidade de um espirito moderno.

Clara não percebe patavina. Que lhe importam a elegancia, a graça, a belleza, a arte, quando a noite está linda e os perfumes do luar brincam nas folhas, beijam as plantas, sobem na aragem, entram pelo salão e lhe sacodem os nervos? Para que falar-lhe em estatuas, se ella as odeia? Para quê tentar convencel-a com requintes de raciocinio, se ella está doida de febre e de anciedade?

E em vão ella supplica, pede, implora, exige, impõe, agora enfurecendo-se, logo soluçando, attrahindo para o si o seu Octavio, repellindo a sua frieza, aquecendo-se com o seu olhar, gritando-lhe mil coisas que todas se podem resumir n'uma só:

—Octavio! Octavio! São onze horas!
E elle, entre a fascinação de um corpo que a sua imaginação espiritualisa e a inspiração de um trecho musical para que busca um fim, pretende convencel-a com geladas falas que se resumem n'isto:
—Não, Clara, n'uma mulher não se toca nem com uma flôr!

No terceiro acto, Clara está para ser mãe, mas, bem entendido, não é Octavio que está para ser pae. Este, tuberculoso no ultimo grau, ignora tudo e, julgando ter convencido Clara das suas ideias, vive, ou antes, morre feliz no seu engano.

Porém, como o diabo as arma e onde ellas se fazem é que ellas se pagam, a mãe de Octavio, conseguindo arrancar a Clara a confissão do seu estado e julgando dar a Octavio uma excellente noticia, revela-lhe a feliz nova, vibrando-lhe assim o golpe fatal que ao mesmo tempo acaba com Octavio e com a sua illusão.

A audácia do entrecho era a primeira e mais forte razão do grande e justo successo que obteve a interessantissima peça de Victoriano Braga, para cujo exito não pouco concorreram tambem a firmeza e a elegancia do dialogo, reveladora de um temperamento de dramaturgo de quem muito ha a esperar, a technica theatral rara n'um estreante e, principalmente, a forma delicada e por vezes difficilissima como o auctor soube evitar primorosamente os mil e um escolhos que se lhe antolharam no desenrolar do empolgante drama.

O grande defeito da peça é ser tão pequena, que mal dá tempo ao auctor de defender ou atacar uma these, visto que, não tornando sympathico o seu Octavio, tambem nos não indica claramente que a sua absolvição vá para a meiga e infeliz Clara.

No emtanto, pareceu-me possivel tirar esta conclusão da obra: «quem casa com Octavios, pode procurar Ricardos». Tanto mais que a desditosa esposa tem a atenuante de casar com o estheta para salvar os paes da miseria e ter feito toda a tenção de ser companheira modelar de um companheiro digno.

O facto de nos serem mostrados a traços largos os caracteres dos personagens, ia valendo ao auctor uma pequena semsaboria no meado do 2.º acto. Foi o caso que o publico, não conhecendo o sr. Victoriano Braga nem tão pouco ainda o protagonista da peça, e suppondo talvez que este fosse apresentado como uma figura digna de admiração, manifestou um curto nervosismo que a magnifica scena entre Octavio e Clara immediata e completamente dissipou, valendo ao auctor uma grande e merecida ovação no final do acto.

Em resumo: a peça agradou francamente, crescendo o interesse do publico de acto para acto, como exigem as boas regras. E se, n'um dado momento, houve uma levisima agitação, se mesmo tal nome se lhe pode dar, na assistencia, não foi aborrecimento mas sim irritação, o que maior valor dá a uma obra que necessariamente teria de enervar um pouco a burguezia hypocrisia.

Nas scenas culminantes da peça destacou-se Albertina d'Oliveira que, se no 1.º acto não agradou, soube ser nos outros dois uma verdadeira artista, terna e ardente no 2.º acto, comoventemente humana na afflicção com que pretende occultar o seu estado e com que por fim escuta a lamentavel revelação da marquezia a Octavio. No final do ultimo acto foi perfeita!

Joaquim Costa, Maria Pia, Pato Moniz, Mello e Augusta Cordeira, bem nos seus pequenos papeis, destacando-se esta ultima. Albuquerque, artista sempre correcto e fino, deu uma feição sympathica ao pa-

pel de Ricardo, no qual demonstrou as suas grandes aptidões de actor moderno.

De proposito deixámos Luiz Pinto para o fim. O seu papel, o principal, é difficilissimo e disse-nos um octavio que elle não tinha ido nada bem. Será isto um elogio ou uma censura?

Com effeito, não nos pareceu feliz a sua interpretação do papel de protagonista que, além de tudo, veio sempre mal vestido (o que é imperdoavel em Octavio), mormente no 3.º acto onde um meio pyjama da rua da Palma collocava lamentavelmente o delicado estheta entre as cathogorias de mapor reformado e de apache.

Que nos perdoe o estimado artista a sinceridade da nossa opinião. Muitas vezes o temos applaudido já com justiça e com justiça o havemos de applaudir ainda muitas mais.

O scenario luxuoso, elegante e bonito, principalmente o dos actos primeiro e ultimo.

A marcação da peça, com licença de quem a ensaiou, não nos pareceu boa, antes muito pelo contrario. Já não se usa, fóra das operettas, ir só ao fundo do palco olhar para os dois lados, para ver se algum nos vê. E muito menos se usa dar a entender que ninguem nos pode ver, estando pespegados mesmo em frente de uma grande porta aberta quatro parceiros de bridge.

Tambem para uma pessoa atravessar da direita alta para a esquerda baixa, sem falar a ninguem, não se percebe a necessidade de descer á direita baixa e atravessar pela frente de todos, como faz Clara no ultimo acto quando vae ver o marido. Só tendo a mania de andar em angulo recto, excetricidade incomprehensivel n'uma senhora que, infelizmente para ella, é uma pessoa equilibrada.

PEPE

No proximo numero nos referiremos ao «Pae do Regimento», que obteve um grande successo de gargalhada no Gymnasio, desempenhando os principaes papeis com o maior brilho Maria Mattos, Celeste Leitão e o impagavel Cardoso.

A PERFIDA GABRIELLA

DRAMA REALISTA EM 2 ACTOS

POR

ANSELMO

ACTO PRIMEIRO

A scena representa o luxuoso boudoir da perfida Gabriella. E' noite tempestuosa.

SCENA I

Confiante Arthur. Creada distrahida

CONFIANTE ARTHUR. (Fallando para os bastidores)—Avia-te Gabriella. De contrario não chegamos ao primeiro acto.

CREADA DISTRAHIDA (Entrando com uma carta). Minha senhora, está aqui uma carta... Ah!

CONFIANTE ARTHUR—Que é, creada distrahida?

CREADA DISTRAHIDA—Ai! Imaginei que era a senhora... (Perturbada) Não é nada, senhor, não é nada. (Procura esconder a carta).

QUASI EX-CONFIANTE ARTHUR—Creada distrahida, dá-me essa carta. Não dá?... Suspeitas horribes me assaltam a mente... Invade-me a colera... Avanço para ti, creada distrahida, e violentamente arranco-te a carta das mãos. Rasgo febrilmente o sobrescripto e com a vista perturbada leio as... Ceus! Que leio!... (Cae estatelado no chão) Ai!...

SCENA II

Os mesmos e a perfida Gabriella

PERFIDA GABRIELLA—Assustada com a bu-

lha entro rapidamente no meu luxuoso boudoir... Oh! (Vendo o marido no chão)—Que foi isto?... Cahiste?...

EX-CONFIANTE ARTHUR—Ai!... Ui!... Gritos de dôr sahem-me do peito... Sim, perfida Gabriella, cahí... cahí das nuvens ao saber... (A'parte) De novo a colera me invade. (Alto avançando para a perfida Gabriella) Miseravel!... Não, não... Serenemos... (A'parte) Disfarço, para lhe arrancar um dia de surpresa o nome do amante, e depois... brrr! mato ambos. (Alto) Não é nada, perfida Gabriella, não é nada... Estava trabalhando. De repente tropecei n'uma difficuldade e cahí n'um erro. (A'parte) Disfarcei bem.

CAE O PANNO

ACTO SEGUNDO

A scena representa o quarto do ex-confiante Arthur

SCENA I

Ex-confiante Arthur, só, deitado n'um sofá, de braço e perna ao peito, mettidos emapparelhos de gesso

EX-CONFIANTE ARTHUR—Andei quinze dias como doido, e só ao decimo sexto é que

percebi que, n'aquella noite tremenda, ao cahir das nuvens quando soube que a perfida Gabriella me enganava, quebrára uma perna na queda. Cahí então em mim e quebrei o braço... Desde então não tornei a mexer-me d'este sofá... Mas a perfida Gabriella de nada desconfia... Emquanto eu aqui soffro tormentos anonymos, isto é, tormentos sem nome, ella atavia-se para o baile das Soisas... De meu peito oppresso sahe um rugido de furor... Brrr...

SCENA II

O mesmo e a perfida Gabriella

PERFIDA GABRIELLA (áparte).—Venho mostrar a meu marido o meu vestido de tule e de gaze. (Alto). Já viste o meu novo vestido de baile?... Este tule... esta gaze. (Mirando-se ao espelho) Fica-me bem, não fica?
EX-CONFIANTE ARTHUR (sombrio).—Hum!...

PERFIDA GABRIELLA.—Que tens tu?
EX-CONFIANTE ARTHUR.—(Voltando-se de subito para ella). Como se chama o teu amante?

PERFIDA GABRIELLA—Ah!... Socorro!... Socorro!... Morro de morte horrivel envolta nas chammas do meu vestido incendiado! (Morre como diz).

EX-CONFIANTE ARTHUR.—(rangendo os dentes). Estupido!... Não me lembrei que a tule e a gaze se incendiam rapidamente e peguei-lhe fogo com a minha pergunta á

queima-ropa!... Estupido!... (Torcendo-se com dôres). Meu Deus! que terriveis e desconhecidas dôres são estas?... Horror!... Trez vezes horror... E' o remorso a roer-me a consciencia! (Desvairado) Ah! não... não... Antes a morte!... Como posso eu apparecer mais na sociedade com a consciencia toda roida?... Não... Antes a morte!... Deito em colta um ansioso olhar, mas não vejo com que matar-me... Procuo avidamente... Nada... Ah!... Agora por nada... Uma ideia!... Estes pesados appparelhos de gesso tolhem-me os movimentos e não me deixarão voltar ao de cima... Adeus! terra... Adeus, mundo!... (Mergulha em profundo scismar e morre afogado.)

CAE O PANNO

ANSELMO



PÁGINA DA MULHER

O SABIO E O PORTEIRO

NO PRIMEIRO ANDAR :

Na fôfa almofada da grande cama onde a condessinha o deitou, o pequenito descansa a cabeça onde murcham tristes os seus lindos caracões. A febre põe-lhe rosetas na pallidez das faces. Cahido de sobre a colcha, jaz abandonado no tapete um palhaço de mil côres. A luz coada pelas pesrianas é suave e triste. Uma chuva miudinha, desde manhã, bate nos vidros.

Pé ante pé, a condessa aproxima-se da cama, com um copo de leite. Passa a mão levemente pelos cabellos do filho. E elle, muito aconchegado, abre uns grandes olhos negros e sorri :

O FILHO—Mãesinha!

CONDESSA (baixo, curvando-se até elle e afagando-lhe a testa)—Estás melhor, não estás? Vaes tomar o leite?

O FILHO—O' mãe, eu já estou bom, não me dê nada!

CONDESSA—Só uma gotta. Para me fazer a vontade!

O FILHO—Não! Não posso.

CONDESSA—Mas experimenta. Senão, a mãesinha chora!

(Senta-se na borda do leito e põe a mão nos olhos).

O FILHO (assustado)—Não, não chore, eu vou ver se posso. (Ergue-se um pouco, apressado) Eu tomo, mãesinha, não chore. (E estende os labios para o copo, emquanto levanta os olhos em busca de um sorriso que o tranquillise. Mas logo se deixa tombar sobre a almofada). Não quero! Não posso!

NA AGUA FURTADA :

O FILHO—Pae, tenho fome.

(O operario, cotovello na meza, mãos na cara, olha fixo um ponto vago, lá longe, no largo horizonte que a janella aberta deixa avistar).

O FILHO—Tenho fome, pae.

O OPERARIO—Eu já vou, meu filho, espera um pouco.

O FILHO—Tenho fome.

OPERARIO—Vê se dormes um pouco. Eu já vou! Depois vamos passear os dois, como no outro dia, queres?

O FILHO (interessado)—E vamos outra vez ao grande jardim?

OPERARIO—E ao lago, e ver os peixes, e tudo. Vaes ver!

(Um silencio).

O FILHO—Pae, tenho fome.

OPERARIO—Eu já vou, meu filho. Vê se dormes um bocado. Eu vou arranjar!

NO SEGUNDO ANDAR :

O sabio, velho e alcachinado, trabalha, trabalha constantemente em busca do segredo mysterioso. Amontoam-se sobre a meza os tratados, as philosophias, as ultimas novidades, os velhos alfarabios. Por toda a parte se agglomeram retortas e recipientes, saes e acidos, aparelhos delicados, frascos de todos os tamanhos. O Sabio busca a Verdade).

O SABIO—Não acho... não acho...

(Entra a Condessa).

CONDESSA—O' sabio, tu que tudo sabes e tudo conheces, vale-me em minha afflicção! O meu filho morre. Não come, não ri, não falla. Sacrifico a minha fortuna, a minha felicidade, a minha vida pela vida d'elle.

O SABIO—Os designios de Deus são imperscrutaveis. Tem esperança, ó Mãe, e quando ella te não sirva já, busca n'Elle resignação.

(A Condessa sae, desolada).

O SABIO—Não acho... não acho...

(Entra o operario).

OPERARIO—O' sabio, tu que és grande como um Deus, que descobres os segredos e que procuras o bem, enche-te de piedade pelo meu filho que a fome mata. Dize-me se hei-de roubar ou se hei-de matar para salvá-lo.

O SABIO—Calma, homem, calma! Deus te dê paciencia, que não ha mal que se não acabe.

(O operario vae abatido).

O SABIO—Não acho... não acho...

(E procura, procura, procura, nos livros, nas experiencias, no cerebro).

NO CUBICULO DO PORTEIRO :

A CONDESSA—Um medico, pelo amor de Deus! Muitos medicos! O meu filho morre! Está pallido como a cera, não come, falta-lhe o ar.

O OPERARIO—Pão para o meu filho! Misericordia para mim! O meu pequeno vae-se-me. Não tenho que lhe dar e o proprio

ar que lhe entra pela janella alta lhe vae augmentar a fome. Maldita seja a sorte!

A CONDESSA—Quem se compadece de mim!

O OPERARIO—Quem me ha-de valer?

O PORTEIRO (homem simples e bom)—Eu sou um ignorante... Nada sei... nada posso... mas...

A CONDESSA—Dize...

O OPERARIO—Depressa!

O PORTEIRO—Se ao filho da senhora lhe falta o ar e não come, porque o não leva lá para cima, para a janella alta por onde entra o ar que até abre o appetite. E tu, meu amigo, porque não trazes o teu até cá abaixo a comer o pão que o outro não quer!?

A CONDESSA—Tu és bom e salvaste o meu filho.

O OPERARIO—Devo-te a vida da minha vida!

PORTEIRO—Deus vos valha e a quantos complicam este mundo!

NO SEGUNDO ANDAR :

O SABIO (soterrado sob o Progresso, sob a Civilização, sob as Ideias, sob as Theorias)—Não acho... não acho...

PEPE

ARTE FEMININA

O modelo que hoje apresentamos consiste em um elegante biombo, proprio para pôr em frente do fogão de uma sala ou escriptorio. Devemos tanto quanto possível harmonisar o mobiliario, e é necessario que o écran não destoe do resto. Parece-me, pois,



Formosamos o di buxo a quem o desejar mediante a importancia de 150 réis que deve acompanhar o pedido

que a melhor côr é o verde imperio, para servir de materia prima na confecção d'este, em seda moire com umas hastes de amoreira de silvas a atravessal-o. Escolheremos para as folhas os verdes seccos, em que o amarelo e o avermelhado venham pôr uns tons outonaes. Para a escolha da côr e fórma de matizar as folhas deixamos ao gosto das nossas leitoras a decisão.

Os troncos espinhosos e os pés das folhas executar-se-hão em castanho avermelhado escuro. Os fructos amadurecidos que apparecem na extremidade de uma das hastes, são feitos em ponto de nó, em vermelhos arrouxados. Depois do bordado feito qualquer estofador o colloca no biombo, que deve ser o mais simples possível.

MARIA LUIZA.

PLACE AUX DAMES

ANOITECER

Atravez da ramagem dos pinheiros Coava-se o luar. Anoitecia, Mas, para as bandas do poente, o dia Punha uns clarões suaves, derradeiros.

A sinuosa fita dos carreiros, Com brancuras de prata se estendia. O gado, mansamente, recolhia, Descendo pela encosta dos outeiros.

Ao desmaiado azul do firmamento Subia o fumo languido, alvacento, Das pobres chaminés da velha aldeia...

Tangia brandamente o sino gasto, E no lar campesino, humilde e casto, Juntava-se a familia para a ceia.

MARIA DE CARVALHO

(Do livro Sonetos, no prelo).

CONSULTORIO DO AMOR

RESPOSTA :

Sur. João Semana :

Olhe, senhor João, trabalho em muitas casas e tenho visto muito, tenho ouvido muitas conversas e conhecido muita gente fina, condes e marquezes, assim como gente rica mais somenos, assim como gente pobre cá da minha classia, e olhe, sabe o que le digo? A idade do amor é sempre, quer sejam velhos, quer novos, em todas as classias e idades, logo que cá a gente sem saber porquê, sente assim o coração a modos que apertado, assim a modos que a querer aboar como um passaro mettido n'uma gaiola, assustado a bater as azas, e a querer aboar sem poder. E' mesmo uma coisa que nem tem explicação o raio do amor, é como as sezões, em se mettendo no corpo de uma alma christã primeiro que a gente se veja livre d'ellas farta-se de padecer.

Trabalho em casa d'um senhor conde, um home d'idade, mais tão bem conservado que é uma bulleza, quinté já tem mesmo um neto casado, mais que inda é desesperado para namorar, e as raparigas gostam d'elle, gostam sim senhor, qu'aquillo são cartas sobre cartas todas as manhãs, e cheirosas que é um regalo, e o telephonio trabalha todo o dia, quinté a governanta do senhor conde não dá mãos a medir para responder ás senhoras, para saberem do senhor conde e conversarem com elle. Vê voce-me? E' um home de idade, e se calhar está na idade do amor!

Ha tambem um outro sujeito bem parecido, alto, incorporado, sempre antão muito bem preparado, mais é assim já de barba e cabelo grisalho, tem antão uma casa que é uma bulleza, cheia de tudo quanto é bom, aquillo são chicaras de todas as côlidades, e vidros tudo mesmo riquissimo, e muitas delicadezas por cima das mezas que são o seu ai Jesus, mais elle é então o ai Jesus das senhoras, e ao telephonio está sempre a falar para lá uma D. Julia que, pr'os modos t'á teimosa, apaixonada por elle. Quando lá vou trabalhar manda-me sempre levar flores do quintal d'elle, tratadas mesmo pela sua cruzidade d'elle, lá ás senhoras do seu conhecimento.

Trabalho tambem em casas onde ha rapazes novos, mais a não ser um ó outro que lá tem o seu namoro, não vejo assim aquella propinção pr'ó amor que vejo nos homes d'idade, por isso le digo, senhor João, que estou cá n'uma fiuza que a idade do amor é a dos homes d'idade. Agora elle tambem os ha rapazes que são muito atreitos a gostar d'alguma rapariga que le dê atinção, sei mesmo d'um meu amigo que se le mettu em cabeça a ideia de gostar de uma rapariga, e faz-le veissos quinté cortam o coração a uma pessoa, mettu-se n'aquella teima e ninguém le arrinca do coração aquella seisma. Já nem tem a alegria que tinha quando era um militar brioso no tempo da monarchia, nem já pega na guitarra para cantar um fado, como n'algum tempo, e anda com o coração secco como as palhinhas do chão, de tanto padecer e scismar por via da pequena.

Não quero enfadar voce-me e acabo estas mal arremindadas linhas pedindo desculpa do meu atrevimento de vir escrever n'um jornal só de pessoas entendidas que fizeram inzame d'estrução primaria.

Se fôr preciso algum trabalho de pulidor ó encerador lá estou sempre ás ordens.

Braz Antunes dos Santos.

Pateo dos Trovões, letras G. T.

RESPOSTA A MIMI :

A sua pergunta sobre a melhor fórma de conseguir que o amor de X. atinja o grau de intensidade que ambiciona é tanto mais difficil de responder quanto a psychologia de X. é para mim um X.! Devia fornecer-me dados mais precisos sobre elle, para que lhe pudesse dar com maior segurança a minha opinião. Dirá que os não possui, que não fórma uma ideia justa. O seu mal tem n'isso a sua origem. A primeira coisa que uma mulher deve fazer quando um homem a interessa, é estudá-lo.

Um rapaz meu amigo diz que não ha mulher que possa agradar-lhe sem primeiro lhe haver manifestado que o distingue de maneira muito especial. Outros affirmam que quando não encontrem uma certa difficuldade na rendição da praça, a conquista perde para elles o seu melhor sabor. Este ultimo é o typo da especie. Vae n'isso o amor proprio masculino, e quando elle entra em jogo, o homem commette baizezas, se tanto fôr mister, para satisfazer o mesmo amor proprio. Parece um paradoxo, mas não é.

Debaixo de este ponto de vista e seguin-

do a mesma ordem de ideias, quer-me parecer pelo que depreenhi da sua carta, que enveredou por um caminho mau. A mulher que crê conquistar um homem á força da se prodigalisar em mil provas de amor, enganase. O que se dá com muita liberalidade diminue de valor. Lembra-me um dia em que sentindo-me feliz, e obedecendo a esta necessidade de transmittir a mais alguém o excesso de alegria que de mim transbordava, dei cinco tostões a um pequenito que me pediu esmola na rua.

Olhou para mim desconfiado, e nêem sequer me agradeceu. Vi-o depois correr para o portal mais proximo, e bater o dinheiro sobre o degrau da entrada. Compreendi. Julgou ao vêr tamanha generosidade, que o dinheiro era falso!

Este exemplo dá assumpto para uma larga meditação, e não ha theorias nem dissertações que valham esses ensinamentos que nos vêm dos pequenos factos de todos os dias.

Ainda se da parte dos homens houvesse sempre o mesmo empenho de aquilatar o sentimento que lhe é offerecido, que levou o meu garoto a bater os cinco tostões na pedra da porta... Os homens, minha senhora, são peores do que peste, fome e guerra! Maior maldade do que a d'elles só a ha... nas mulheres!

Para confirmar esta asserção occorre-me uma historia que se passou com um pobre carvoeiro da minha terra. Não lh'a conto hoje porque o espaço escasseia, mas prometto-lh'a para o proximo numero.

JOÃO SEMANA.

RESPOSTA A MARGARIDA :

Beijo as mãos de V. Ex.^a por tão grande gentileza. Não cumpri, porém, as suas ordens pela simples razão de que não compareci. O meu espirito não carecia do banho de virtudes que levou V. Ex.^a a immolar-se por amor da Patria, demais ainda com a pouca confiança que me merecia o banheiro! Tive medo de naufragar, e, apezar de ir em tão boa companhia, recuei aterrado. Além d'isso só gosto de ir a banhos... em setembro!

Mas mesmo que em um momento de coragem me tivesse arriscado, ainda assim não cumpriria as suas ordens. Não queria, dando-me a conhecer, sujeital-a á mais negra, mais cruel das desillusões! O mysterio tem sempre maior encanto. O João Semana é apenas uma alma. Nunca ninguém o poderá conhecer.

A sua historia interessa-me. Diga mais. V. Ex.^a acha que o seu caso não tem solução. Bastava-me isto para avaliar da sua pouca idade, pois que assim revela a maior creancia. Todos os casos a tem, minha senhora. Essa ideia de que se viverá eternamente encerrada na Torre de Marfim de um sentimento, não passa de uma já bem murcha flor de rhetorica. Nas Torres ha sempre umas frestas por onde se distinguem ao longe os largos horizontes da Vida, e uma porta, para a travessa... E' só dar ao trunco! Tenha a coragem do gesto, e verá como tudo muda. O homem que não tem a força de luctar por uma mulher não merece interesse. Diz V. Ex.^a que antes fraqueza que maldade.

E eu acho que antes maldade do que fraqueza, antes mau character do que falta de character.

Basta-me isto para classificar o seu Daniel entre as creaturas despidas de interesse, e absolutamente inferiores. Não merece nem as palavras que estou gastando, quanto mais o amor de uma mulher. Convença-se d'isto e liberte-se. E sobre tudo não se esqueça de que ha sempre a tal portinha para a travessa... *La vie est une grande recommenceuse!*...

JOÃO SEMANA

UMA OBRA DE ARTE

Via-a uma d'estas tardes, ao sol posto, N'um vestidinho simples e correcto; Mas d'um luxo carissimo e discreto, Que é o justo equilibrio do bom gosto.

O seu chapéu de palha, enorme e preto, Occultava-me as graças do seu rosto; Mas vinha tudo em si tão bem composto, Que decidi fazer-lhe este soneto.

De resto, quando a vejo em qualquer parte Olho-a como quem vê uma obra d'arte, Pois não conheço quem melhor se vista...

Que a senhora Condessa, além de ter Um lindissimo corpo de mulher, Tem, n'esse corpo, os nervos d'uma artista.

SILVINO

CARNET DA SEMANA

Semana elegante

AJUSTE DE CASAMENTO

No proximo dia 16 é pedida em casamento pelo tenente de engenharia Gentil Soares Branco, a sr.^a D. Maria Helena de Mattos Ferreira de Castro.

FESTAS

No Gremio Litterario vão realizar-se duas interessantes *matinées* de esgrima nos dias 14 e 15, para disputa da Taça Antonio Martins em que tomarão parte varias *équipes*.

BOATOS... BOATOS...

Consta-nos que, devido a varias pedidos, se realisa no fim do corrente mez no antigo theatro de D. Maria II uma elegantissima recita semelhante á que na noite de 25 do passado se effectou no Gymnasio e á qual concorreu tudo quanto ha de mais aristocratico.

As pessoas que desejam assistir poderão desde já marcar os seus bilhetes na R. Formosa, 43, do meio dia ás duas da tarde.

TEAS

Hoje no Jardim Zoologico realisa-se o cotumado *tea-concert* e na proxima quinta-feira, 17, na Liga Naval, *tea-concert-bridge-danse*.

ANNIVERSARIOS

Dia 13 — As sr.^{as}: D. Maria Carolina Bom Sousa da Motta Marques Soares Leite, D. Bertha de Sousa Leite e o sr. Daniel Darley.

Dia 16 — As sr.^{as}: D. Maria Helena de Mattos Ferreira de Castro e D. Anna Emilia Correia Perdigão.

Dia 18 — As sr.^{as}: D. Rosa Georgina Menezes de Andrade Pinto de Lemos, D. Sophia de Castello Branco de Castro e Almeida, D. Anna dos Santos Marques, D. Benedicta de Castro Osorio e os srs.: Arnaldo de Sá Reis, Manuel da Silva Cruz, Francisco José Arantes e Manuel Botelho Pimentel Sarmento.

AGENDA MUNDANA

Hoje—No Jardim Zoologico, *tea-concert*; no Gymnasio e Eden, recitas da moda.

A'manhã—No Avenida e Apollo, recitas da moda, e nos salões Chiado Terrasse e Foz, *soirées* elegantes.

Sabbado—No cinema Condes, *soirée* elegante.

Domingo—No Gremio Litterario, campeonato de esgrima e no Campo Pequeno, corrida de touros.

Segunda-feira—No Colyseu, espectáculo da moda; no Olympia, *matinée* e *soirée* elegante e no Foz, sessões da moda.

Terça-feira—No Chiado Terrasse, sessões da moda.

Quarta-feira—Na Liga Naval, *teas elegantes* e no Nacional e Polytheama, recitas da moda.

CONCERTO

Na noite de 15 terá logar no salão nobre da Liga Naval Portuguesa, installado no Palacio Palmella, o concerto organiado pela distincto professor de canto Solla Conda, com o concurso de esplendidos elementos artisticos.

Vida theatral

NOVIDADES

Foi entregue á empreza do antigo theatro de D. Maria, um novo original de Victoriano Braga, intitulado *O Milagre*.

—Sobe brevemente á scena no Avenida uma peça em um acto de Rodrigo Diniz.

—Está em ensaios no Eden, a operetta *O Reino das Mulheres*, de Eduardo Fernandes (Esculapio).

—Na festa da actriz Maria Pia de Almeida representar-se-ha a peça em um acto do nosso saudoso amigo Conde de Arnozo *Primeira Nuvem*.

—Estreia amanhã no antigo theatro D. Amelia, na peça *O Pae Prodigio*, a gentil actriz Alda Aguiar.

ESPECTACULOS DA SEMANA

No NACIONAL, haverá *réprise* de varias peças, beneficios e no dia 18 uma recita extraordinaria, com *Coimbra terra de amores e Os Velhos*; no REPUBLICA, hoje *A Castellá*; amanhã em festa artistica distincta actriz Lucinda Simões *O Pae Prodigio*; no AVENIDA, *O Gaiato de Lisboa* e canções portuguezas por Aura e Alfredo Abranches; no GYMNASIO, *O Pae do Regimento*; no APOLLO, amanhã deve subir á scena, em sessões, a revista *Nabos da pucara*; no EDEN, continua a revista *O 31*, em sessões; no POLYTHEAMA, companhia internacional de variedades; no COLYSEU DOS RECREIOS, companhia de circo e variedades.

Um velho padre que conheci em tempos, tinha o habito de dizer: «Não ha marido nenhum por mais perfeito e namorado que seja, que em menos de um anno não esteja farto de uma mulher com mau genio». Talvez que o praso marcado pelo bom sacerdote fosse demasiado curto, tanto mais que não é nos primeiros tempos de casada que a mulher patenteia o seu mau humor, mas no fundo tinha razão, e mostrava ter um profundo conhecimento do mundo!

Uma mulher quando casa pôde não ter um grande conhecimento do governo da sua casa, pôde deixar queimar todos os pratos que se lhe metta em cabeça cozinhar, pôde levar tanto tempo a fazer *toilette* que o marido se farte de eseparar por ella á hora das refeições ou quando combinem sahir; se souber relevar estas faltas com um pouco de bom humor, se se desculpar gentilmente sem azeidume, mesmo perante as censuras que lhe forem feitas, não ha homem nenhum que possa mostrar-se zangado por muito tempo. Mas, em contrario, seja ella a melhor *ménagère* do mundo, em casa de quem poderiamos procurar com a lente um atomo de pó, seja uma *cordón bleu* em questões de culinaria, e de uma pontualidade de relógio; se se esquecer de ter o sorriso acolhedor que illumina, e que a torna sempre bemvinda, a palavra carinhosa que condimenta por forma tão encantadora os jantares em familia, essa expressão de serenidade que se transmite, dando um ar de paz e de felicidade a tudo que a cerca, alguma coisa de essencial faltará ao attractivo do seu lar, ou antes, será o proprio attractivo que deixará de existir.

Sem duvida que se torna bem difficil a uma mãe de familia, continuamente contrariada pela barafunda das creanças, massacrada pelos cuidados domesticos, que, a maior parte das vezes, não lhe deixam uma hora de repouso, conservar, atravez de tudo, o seu bom humor, estar sempre alegre, bem disposta, e não ceder nunca a um movimento de contrariedade provocado pelo excesso de trabalho, ou pela ingratitude partida talvez d'aquelles que mais razão teriam para a apreciar. E' uma fraqueza comprehensivel, e julga-a com severidade, seria falta de coração, posto que esta fraqueza

faça correr graves riscos á felicidade do lar domestico.

Mas como julgar as meninas que, não conhecendo nenhuma das duras provações da vida, e que por um nada, a maior parte das vezes sem a minima razão, se entregam a um mau humor injustificado durante horas sem fim? E' o habito mais funesto que uma mulher pôde possuir, um defeito que não só a propria pessoa, como as que se interessam pelo seu futuro devem empregar todos os seus esforços para energeticamente combater.

Não quer isto dizer que semelhante defeito seja essencialmente feminino. Não. Longe de mim tal pensamento. Mas precisamente porque o sexo masculino é a elle tambem sujeito, necessario se torna que a mulher, cuja missão pessoal consiste em converter o lar em mansão de paz e de bem estar, redobre de vigilancia. O seu mau humor não deve vir chocar-se com o do marido, aliás seria inevitavel o desastre. Para a mulher que tiver a infelicidade de casar com um homem rabujento, não ha outra fórma de conservar a boa harmonia e a paz da sua casa, senão mostrar-se sempre, inalteravelmente, de genio igual e sereno. Para a solteira o bom humor constitue um encanto sem o qual a belleza, o espirito e a elegancia seriam considerados nullos.

Eis a razão porque, enquanto nova, a mulher se deve habituar a dominar os seus caprichos, e a encerrar de animo leve e rosto alegre as pequenas contrariedades de todos os dias. Por igual motivo se torna necessario que este exemplo lhe venha dos paes que, refreando os seus impulsos, contribuirão não só para assegurar a felicidade futura dos filhos, mas tambem para a paz e a estabilidade do seu proprio lar.

Colette.

Uma receita por semana

CONTRA AS VERRUGAS.
RECEITA INTEGRALISTA

Sr. redactor:

Ao lêr no ultimo numero da *Ideia Nacional* uma receita para tirar as verrugas, que em alguns pontos da provincia são tambem conhecidas por *chavos*, lembrou-me que lhe seria agradável poder offerecer esta nova, ou antes velha fórmula, usada na minha aldeia, para acabar com tão desgraciosos ornamentos:

A' meia noite, na vespera de S. João, rouba-se a telha de um telhado, e enche-se com perfumados cravos tambem roubados. Deixa-se ficar ao relento em cima do telhado, e offerece-se a S. Payo. Passados poucos dias as verrugas terão desaparecido!

Posso-lhe garantir que uma creada nossa fez esta sorte por intenção de uma senhora da minha familia que ficou completamente boa!

Uma leitora.

QUINQUILHARIAS

INSCRIPÇÕES

DE ESPELHOS

No vastissimo programma de futilidades com que tenciono ir entretendo os leitores todas as semanas, um dos numeros ha de ser o das curiosidades sobre espelhos.

Por hoje, visto estarmos na quadra pascal, não deixarei terminar o tempo em que a Igreja convida os fieis a mirarem-se no espelho da consciencia, sem recordar que as inscrições dos espelhos encerram, ás vezes, profundas reflexões e salutaes ensinamentos.

Nem faltam, é claro, as notas cómicas, como a de um riquissimo espelho antigo, que eu vi á venda em Roma, ha annos, n'um *bric-à-brac* de antiquario: de cada lado do espelho, dois burros, creio que de talha dourada, e entre elles, por sobre o espelho, a legenda *SIAMO TRE*: (somos trez)!

Que sympathicas não são estas inscrições latinas, vulgares em espelhos: *FALLERE NESCIUM* (não sabe enganar); *CUNCTIS AEQUE FIDUM*: (fiel a todos por igual) ou o *OMNIBUS IDEM* que alguns humanistas, para seus espelhos, pediram emprestado ao virgiliano

Rex Jupiter omnibus idem! (Eneid. X, 11)

que alguns em espelhos gravaram, vendo assim na insubornavel imparcialidade dos espelhos uma qualidade que os torna semelhantes a Deus.

NULLI FALLAX: (não minto a ninguém), dizem alguns espelhos, com espartana concisão; ou *PRÓDERE NON NOVIT*: (não sabe atraiçoar), como os fazem dizer alguns dos seus donos, decerto para os compensarem d'aquellas donas que por bocca de Leclercq dizem dos espelhos: «*Il y a un âge ou les miroirs deviennent fort méchants...*»

Não deviam ficar muito satisfeitos os hy-

pocritas que se vissem áquelle espelho italiano que tinha esta legenda: *SOL D'APPARENZE ABBONDO*: (só abundo em apparencias); mas muito mais irritado se devia sentir espelho do duque de Sully, espelho com que elle adornou o seu brazão de armas, para bajular a Luiz XIV. Como o Rei-Sol escolhera por divisa um *sol*, o duque gravou nas armas um espelho ardente com a legenda: *Je brûle sous son regard!* E os espelhos que tanto detestam a bajulação!

Ha uma inscrição especular hespanhola cuja verdadeira interpretação desconheço: *O ME QUIEBRE, O ME REQUEBRE*: «ou me quebre, ou me requebre». Quem fala? E' o espelho ou é quem se vê ao espelho, e se embeve na propria formosura, como Narciso que, referindo-se ao Adonis desdenhoso, prorompe na apaixonada exclamação, digna de uma «nuestra hermana»: *queira-me, ou mate-me, ser amada ou morrer!*

Mas eu supponho que aquelle *O...* O se pôde entender como conjunção disjunctiva: «*quer... quer*» e n'esse caso seria o proprio espelho que falaria, sendo o sentido da inscrição allusivo á incorruptivel sinceridade dos espelhos: «*quer me quebre, quer me requebre*, reflectirei sempre a mesma coisa, dando «a cada um o seu», que é o que muitos espelhos dizem, ostentando a vulgarissima legenda *SUUM CUIQUE*.

E' por isso, porque os espelhos não escondem a verdade a quem quer que os consulte, que um humorista francez dava este conselho:

Tous les hommes son fous et qui n'en veut point voir
Doit rester dans sa chambre et casser son miroir!

Aquella *Lucia* de Campoamor, que escrevera a carta endereçada «*Al espejo de mis ojos*», carta que a avó surprehendeu e lhe serviu de thema para o severo sermão em que procurou mostrar-lhe:

Que contra tales espejos
Se rompen los corazones,

essa *Lucia*, que chamava ao namorado «*espejo dos seus olhos*» decerto não sabia latin, como o cura da outra poesia de Campoamor: «*¡Quien supiera escribir!*» Mas descobriu, por arcanas illuminações do amor, que marido e mulher devem ser dois espelhos collocados frente a frente: espelhos um do outro. Assim o entendera aquelle duque de Saboya Carlos Manuel, que em commemoração do seu casamento com Catharina de Austria mandou fazer dois espelhos, collocal-os frente a frente com a curiosa legenda latina: *FERT REFERT QUE*.

E chamo-lhe curiosa, porque se a traducção é simples: «*produz e reproduz*», referindo-se á mutua reflexão dos espelhos, o curioso está em que *FERT* é a legenda que se lê nas armas da casa de Saboya, legenda mysteriosissima, de que um dia trataremos, pois tem feito os miolos em agua a muita gente, e ainda hoje se não sabe ao certo se é a terceira pessoa do singular do verbo *fero*: trazer, produzir, etc., ou se são quatro iniciais de outras tantas palavras. O caso é que o *fert refert* da inscrição do espelho symbolisa a mutua afeição dos conjuges, afeição que eu, nos ditosos pares que me lêem, desejo duradoira, eterna e não ephemera como as imagens dos espelhos, ou fragil e quebradiça como elles.

Para isso não poderia acabar melhor esta «*quinquilharia*» do que relembrando-lhes que a sinceridade é a grande receita para a longevidade do amor. Assim o entendia o latinista Gregorio Brunello, deitando para um espelho esta inscrição:

Vitrea sinceram haec fingit tibi maquina mentem
Quae nequit admissa nectere fraude dolos.

«Este aparelho de vidro representa um espirito sincero que não sabe conformar-se com a fraude e tecer enganosa».

Os que tanto se miraram nos olhos uns dos outros, antes, e tão depressa descobrem, depois, o que não tinham visto, deviam ter meditado a legenda que Tycho Brahe, o astronomo dinamarquês, puzera n'um espelho do seu castello de Uraniburgo:

EXTERIORA PATENT, INTERIORA LATENT
que quer dizer «*vê-se o exterior não se vê o interior*».

E perdoem as leitoras se misturei o amor com estas *quinquilharias*. Lá diz a copla hespanhola:

Es el amor de los hombres
Parecido a la quincalha...

Mas d'esta vez, tendo eu mexido em tanto vidro, não se poderá applicar a conclusão,

Que entre tantos relumbrones
Cosa buena no se halla...

porque algumas das legendas dos espelhos fazem... reflectir!

ARTHUR BIVAR.

Aneodotas infantis

Sr. redactor:

Ao lêr as aneodotas infantis que têm vindo na *Ideia Nacional*, e o seu pedido para que nós, as mães, lhe narremos algumas dos nossos filhos, lembra-me uma que se passou com o meu Manuelsinho, tinha elle trez annos. Não depõe muito a favor da sua boa educação, mas devo dizer-lhe, que com a idade, se modificou. Um dia fez uma maldade e dei-lhe dois açoutes, coisa esta a que não estava habituado, e com a qual muito se sentiu. Foi chorar desesperado para junto da creada, quando tive que a chamar para qualquer coisa que me foi necessaria. «*Minha senhora*», respondeu ella. «*Não digas minha senhora*», atalhou elle furioso—«*diz minha besta!*»

Uma leitora.

Sr. redactor:

As aneodotas dos nossos filhos! Qual é a mãe que não tem guardadas no mais intimo da sua alma um sem numero de *gracinhos* de esses pequeninos seres que são todo o nosso enlevo? Ainda ha pouco com a minha Bébésedeu uma em que eu encontrei um sabôr de ingenuidade adoravel. Tinhamos ido de passeio aos arredores de Lisboa. Bébésedeu que entrou para o comboio pôz-se á janella da carruagem, empoleirada sobre o banco. Como ia debruçada quiz agarral-a pelo vestido. «*Deixe-me lá, mamã*, que eu me seguro». E voltando o braço para traz, agarrou o seu proprio vestidinho, com muita força!

Uma mãe.

A vida intima

A VIDA INTIMA

Entre as virtudes mais necessarias á mulher para tornar agradável e attrahente a sua convivencia, nenhuma é mais preciosa do que a serenidade.

E será esta uma virtude? Crêmos bem que sim, e que se algumas possuem naturalmente este dom, as outras o podem adquirir á custa de esforços constantes.

INDICAÇÕES UTEIS

"LE CORRESPONDANT"

TERÁ COMO AGENTE EM PORTUGAL "A IDEIA NACIONAL"

Os jornais portugueses já se tem referido em diversas ocasiões a esta notável publicação que é actualmente a mais importante e a mais auctorizada Revista europeia e que sempre se interessou altamente pelas questões portuguezas, tendo publicado ultimamente um artigo sobre a intervenção de Portugal no conflicto das nações, que provocou em França, na Inglaterra, em Italia e em Hespanha o mais justificado interesse.

LE CORRESPONDANT é collaborado pelos mais celebres escriptores de todo o mundo. O nobre Director, sr. Homem Christo Filho, que já ha annos vinha sendo solicitado para collaborar assiduamente no CORRESPONDANT e lá publicára varios artigos em 1912, 1913, 1914 e 1915 mas não pudera ainda aceitar o encargo d'uma collaboração permanente, apesar dos reiterados convites da Direcção por lh'o não permitirem os seus muitos compromissos litterarios, fechou finalmente contracto com a grande Revista franceza no principio d'este anno. LE CORRESPONDANT tem pois publicado e continuará publicando, nos dias 10 e 25 de cada mez, estudos sobre questões opticas, economicas e litterarias estrangeiras e relativas especialmente a Portugal, Hespanha e paizes de lingua hespanhola ou portugueza, estudos de que é auctor o sr. Homem Christo Filho, embora nem sempre venham assignados.

LE CORRESPONDANT é a unica revista de França e Inglaterra cujo preço de assignatura para o estrangeiro não é augmentado. Assim, ao passo que a REVUE DES DEUX MONDES, por exemplo, custa 62 francos por anno em Portugal, LE CORRESPONDANT custa apenas 35 francos, o mesmo que em Paris, ou seja quasi metade da REVUE DES DEUX MONDES.

Todos os portuguezes que quizerem estar ao corrente do movimento intellectual contemporaneo, conhecer com profundeza as questões de ordem politica, economica, religiosa, social, financeira, diplomatica, que agitam a Europa devem assignar LE CORRESPONDANT.

Para isso basta dirigir um postal ao SECRETARIO GERAL D'A IDEIA NACIONAL, Rua da Emenda, 45, r/c LISBOA, onde se dão todas as informções e se encontra á venda a grande Revista franceza.

LE CORRESPONDANT vende-se tambem na LIVRARIA FERREIRA, Rua Aurea, Lisboa.

L'ECLAIR

GRANDE JORNAL DIARIO DE PARIS
ABSOLUTAMENTE INDEPENDENTE

PUBLICA DIARIAMENTE UM ARTIGO DE HOMEM CHRISTO FILHO, SOBRE QUESTÕES DE POLITICA INTERNACIONAL, QUESTÕES DE ARTE, LITTERATURA E ECONOMIA; SEGUE COM ESPECIAL ATENÇÃO AS QUESTÕES RELATIVAS A PORTUGAL, HESPAHIA E AOS VINTE E DOIS PAIZES AMERICANOS, DE RAÇA E LINGUA HESPAHOLA OU PORTUGUEZA, TENDO PARA ISSO CREADO EM 1914 UMA SECÇÃO DIARIA INTITULADA

America Latina, Hespanha, Portugal

CUJA DIRECCÃO FOI CONFIADA AO SR. HOMEM CHRISTO, FILHO.

AGÊNCIA EM

LISBOA

NA REDACÇÃO DA

IDEIA NACIONAL

RUA DA EMENDA, 45 R/C

ONDE SE RECEBEM ANNUCIOS E PARA ONDE DEVEM SER DIRIGIDOS TODOS OS PEDIDOS DE ASSIGNATURAS * * *

L'ECLAIR

INDICAÇÕES UTEIS

RUY COELHO lecciona Harmonia, Contra ponto, Fuga, Instrumentação, Composição e Piano.

DIRIGIR CORRESPONDENCIA PARA + R. DA EMENDA, 45 R/C +

CALENDRARIO ARTISTICO

LINDAS AGUARELLAS

Originães de diversos pintores portuguezes * * * * *

UM BRINDE CHIC

A VENDA NA SECÇÃO COMMERCIAL DA

IDEIA NACIONAL

AO PREÇO DE 850 RÉIS (FRANCO DE PORTE)

BOLOS
CREMES

SO FICAM PERFEITOS EMPREGANDO A FARINHA

PASTEIS
PUDINGS

MAIZENA

DURYEA

NATIONAL STARCH COMPANY

NEW YORK U. S. A.

A VENDA EM TODAS AS BONS MERCERIAS

REIS TORGAL

ADVOCADOS

RUA DA PRATA, 149, 1.º D.º

OBJECTOS D'ARTE
ANTIQUOS E MODERNOS

MOBILIARIO

PORCELANAS
ESTATUETAS
JOIAS
QUADROS

MIRANDELLA

RUA SERPA PINTO, 6

* LISBOA *

Herbert Esteves & C.ª

REPARAÇÕES GARANTIDAS EM
MAQUINAS DE ESCREVER, DE
CALCULAR, CAIXAS REGISTADORAS, ETC.

MAQUINAS RECONSTRUIDAS DE TODAS SMARCAS

TLF. 2309

CAES DO SODRÉ, 10

MAISON PARISIENNE

262, RUA AUREA, 264

LISBONNE

GRANDE SORTIMENTO EM AMENDOAS NACIONAES E EXTRANJEIRAS * * * * *
CARTONAGENS E CORBEILLES * * * * *

DEJEUNERS ET DINERS

TELEPHONE CENTRAL 1477

Telegrammas (Iman)

Lima Netto, Moura & Comp.ª

CAMBIO PAPEIS DE CREDITO

Rua dos Retrozeiros, 100 a 106

esquina da Rua dos Sapateiros, 1 e 3

Telephone 3844

POUPÉE ARTISTIQUE

BONECOS INQUEBRAVEIS, RIVALISANDO COM OS DOS MEI HORES FABRICANTES ESTRANGEIROS

E. B. GOMES

R. CORREIROS, 15, 2.º

LISBOA

JULIO MIRANDA

NOVIDADES PARA HOMEM

LISBOA

ROCIO, 16

MAISON BLANCHE

ROUPARIA BRANCA PARA SENHORA

TELEPHONE 735

